

U. PORTO



FACULDADE DE DESPORTO
UNIVERSIDADE DO PORTO

*Modelos de Detecção de Talento no Andebol.
Diferentes Perspectivas.*

Rui Alberto Sousa e Silva

Porto, 2009



*Modelos de Detecção de Talentos no Andebol.
Diferentes Perspectivas.*

Monografia realizada no âmbito da disciplina de
Seminário do 5º ano da licenciatura em Desporto e
Educação Física, na área de Desporto de Rendimento
– opção de Andebol, da Faculdade de Desporto da
Universidade do Porto

Orientador: Professor Doutor José António Silva

Rui Alberto Sousa e Silva

Porto, 2009

Silva, R. (2009). *Modelos de Detecção de Talentos no Andebol. Diferentes Perspectivas*. Porto: FADEUP. Dissertação de Monografia apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

PALAVRAS-CHAVE: DETECÇÃO; TALENTO; ANDEBOL.

Agradecimentos

A realização de um estudo deste género implica obviamente a participação e colaboração de algumas pessoas ou instituições. Impunha-se deixar aqui registado um profundo agradecimento a todos aqueles que, de uma forma mais ou menos pronunciada, mas sempre relevante que contribuíram para a realização deste documento. Assim, quero agradecer:

- Ao Professor Doutor José António Silva, orientador desta tese, pela competência, prontidão e disponibilidade manifestada, assim como as ajudas, sugestões e esclarecimento de todas as dúvidas.
- Aos meus pais por tudo o que fizeram e continuam a fazer por mim. O meu eterno Obrigado.
- À Cátia, minha namorada, que sempre me apoiou e me motivou para conseguir concluir esta etapa da minha vida.
- À minha irmã, Ana, que à sua boa maneira sempre me apoiou e motivou ao longo de todo o curso.
- Ao Mats Olsson, seleccionador Andebol de Portugal, pela colaboração e tempo despendido neste projecto.
- À Anette Pedersen, da Federação Dinamarquesa de Andebol, por toda a disponibilidade demonstrada e pelo fundamental auxílio na compreensão do modelo nórdico.
- Ao Tio Jaques pela sua contribuição neste trabalho.

Índice Geral

Agradecimentos.....	V
Índice Geral.....	VII
Índice de Figuras.....	XI
Índice de Quadros.....	XIII
Resumo.....	XV
Abstract.....	XVII
Résumé.....	XIX
Lista de Abreviaturas.....	XXI
1. Introdução.....	1
1.1 Objectivos.....	4
1.2 Estrutura do Trabalho.....	4
2. Revisão da Literatura.....	7
2.1. Conceitos Fundamentais.....	9
2.2. Dimensões do Talento.....	12
2.3. Detecção e Selecção de Talentos Desportivos.....	14
2.4. Etapas para a Detecção e Selecção de Talentos.....	17
2.5. Identificação de Talentos e Desenvolvimento de Talentos...	22
2.6. Detecção e Selecção de Talento no Andebol.....	26
3. Material e Métodos.....	31
3.1 Amostra.....	33

3.2 Instrumentos.....	33
3.3 Procedimentos.....	34
3.3.1 Análise de Conteúdo.....	34
3.3.2 Construção das categorias de análise – Categorização.....	36
3.3.3 Entrevista semi-estruturada.....	38
3.4 Análise Crítica	40
4. Modelos de Detecção de Talento. Diferentes Perspectivas.....	43
4.1. Modelos Francês.....	45
4.1.1 Organização Escola Francesa.....	45
4.1.2 Pólo Federal de Treino.....	46
4.1.3 Regras para a instalação dos Pólos Federativos.....	48
4.1.4 Descrição de um dos Pólos – Pólo de Andebol no CREPS d’Aquitaine.....	50
4.1.5 Trabalho de preparação física desenvolvido no pólo...	51
4.1.6 Organização de Trabalho.....	56
4.1.7 Processo de Detecção de Talentos.....	58
4.1.8 As Competições de Avaliação e de Selecção.....	63
4.2. Modelo Dinamarquês.....	65
4.2.1 Talento na Federação Dinamarquesa de Andebol – “The Danish Way”.....	65
4.2.2 Recrutamento de jogadores para a formação de talentos.....	67

4.2.3 Curso de formação de talentos.....	69
4.2.4 Ruptura no projecto dos talentos.....	70
4.2.5 A ligação à selecção nacional sub-18.....	70
4.2.6 Conteúdo técnico na formação dos talentos.....	71
4.2.7 Treino Físico.....	71
4.2.8 Testes.....	74
4.3 Modelo Português.....	75
4.3.1 Estrutura e Organização das Selecções Nacionais....	75
4.3.2 Detecção e identificação dos talentos.....	76
4.3.3 Desenvolvimento dos talentos.....	78
5. Discussão.....	83
5.1. Análise dos diferentes modelos.....	85
6. Conclusão.....	95
6.1. Conclusões e Considerações Finais.....	97
7. Bibliografia.....	99
8. Anexos	107

Índice de Figuras

Figura 1.....	22
Figura 2.....	61
Figura 3.....	66
Figura 4.....	66
Figura 5.....	79

Índice de Quadros

Quadro 1.....	12
Quadro 2.....	13
Quadro 3.....	20
Quadro 4.....	25
Quadro 5.....	47
Quadro 6.....	50
Quadro 7.....	51
Quadro 8.....	52
Quadro 9.....	52
Quadro 10.....	52
Quadro 11.....	53
Quadro 12.....	55
Quadro 13.....	62
Quadro 14.....	64
Quadro 15.....	67
Quadro 16.....	75
Quadro 17.....	75

Quadro 18.....	76
Quadro 19.....	80
Quadro 20.....	86
Quadro 21.....	88
Quadro 22.....	90
Quadro 23.....	91
Quadro 24.....	92
Quadro 25.....	93

Resumo

O Andebol do futuro é uma adaptação clara à velocidade criada na transição defesa-ataque e vice-versa. Os jogadores terão de aumentar a sua mobilidade, disponibilidade para a luta e capacidade de reorganização. Exige-se uma combinação perfeita entre o domínio técnico, a cultura táctica e a conjugação exemplar entre as diferentes qualidades físicas.

Neste sentido, a detecção e identificação de novos talentos torna-se algo com uma importância vital para a obtenção do sucesso numa determinada modalidade. É vital que este processo esteja em sintonia com a evolução da modalidade.

Este estudo pretende observar três modelos de detecção de talentos no Andebol, dois dos quais são daqueles que melhores resultados produzem com expressão não só a nível da formação mas também da prestação desportiva das suas selecções (França e Dinamarca), e o modelo utilizado actualmente em Portugal.

O material e método utilizado foi a análise do conteúdo a três documentos.

A principal ilação deste estudo é o facto dos três modelos terem formas diferentes de trabalhar. A Federação Francesa de Andebol tem o seu trabalho organizado em formato de internato; a Federação Dinamarquesa de Andebol possui centros de formação onde podem albergar e acompanhar os seus talentos; e Portugal recorre a estágios pontuais ao longo da época desportiva.

Confrontando os resultados obtidos recentemente pelas selecções absolutas destas federações, conclui-se que a escola francesa é a que tem mais sucesso conseguindo ser actualmente Campeã Olímpica e Mundial Masculina e vice-campeã Europeia. A Dinamarca consegue ter resultados competitivos na formação e na sua selecção máxima absoluta e é actualmente a Campeã Europeia Masculina. Portugal ainda não alcançou qualquer título na formação ou na selecção sénior.

Abstract

The Handball's future is a clear adaptation to the speed set in the defense-attack transition and vice versa. Players will increase their mobility, their willingness to fight and their ability to reorganize. It takes a perfect combination of technical mastery, the tactics culture and exemplary combination between different physical qualities.

In this sense, the detection and identification of new talents becomes something with a vital importance to achievement of success in a particular sport. It is essential that this process is in line with the development of the sport.

This study aims to look at three models for detection of talents in Handball, two of which are those that produce better results, not only in athlete formation but also in results achieved by their senior teams and the model currently used in Portugal.

Material and Methods used in this study was qualitative data analysis; three documents were analyzed through this method.

The main implication of this study is that the three models have different ways of working. The French work in the form of internships with their athletes, the Danes have training centers where they can accommodate and monitor their talents, and Portugal uses specific concentrations throughout the season using different locations.

Comparing the results obtained recently by absolute selections from those federations, it is concluded that the French school is having more success getting to be the Olympic Champion, current World Men Champion and won the silver medal on the last European Championship. Denmark can gain competitive results in the formation and in their senior teams. Portugal has not yet reached any title in the youth or senior teams.

Résumé

Le Handball de l'avenir est une adaptation claire à la vitesse créée dans la transition défense-attaque et vice versa. Les joueurs devront augmenter leur mobilité, disponibilité pour la lutte et la capacité de réorganisation. Il faut une combinaison parfaite entre le domaine technique, la culture tactique et la conjugaison exemplaire entre les différentes qualités physiques.

Dans ce sens, la détection et l'identification de nouveaux talents devient quelque chose avec une importance capitale pour l'obtention du succès dans une certaine modalité. C'est essentiel que ce processus soit en accord avec l'évolution de la modalité.

Cette étude prétend observer trois modèles de détection de talents dans le Handball, deux d'entre eux sont celles qui produisent de meilleurs résultats non seulement dans la formation mais aussi la prestation de ses équipes seniors (France et Danemark), et le modèle utilisé à l'heure actuelle au Portugal.

Matériel et méthodes utilisées dans cette étude étaient des analyses du contenu des trois documents.

La principale conclusion de cette étude est le fait que ces trois modèles ont des façons différentes de travailler. Les Français travaillent dans le format d'internat avec leurs athlètes; les Danois possèdent des centres de formation où ils peuvent loger et accompagner leurs talents; et le Portugal fait appel à des stages rapides au long du championnat en changeant les endroits.

En confrontant les résultats obtenus récemment par les sélections absolues de ces fédérations, on arrive à la conclusion que l'école française est celle qui a plus de succès en réussissant à être à l'heure actuelle Champion Olympique et Mondial Masculin et Vice-Champion d'Europe. Le Danemark réussit à avoir des résultats concurrentiels dans la formation et dans sa sélection maxima absolue. Le Portugal n'a pas encore obtenue des titres dans la formation ou dans la sélection senior.

Lista de Abreviaturas

DSTD - Detecção e Selecção de Talentos Desportivos

CTN – Coordenador Técnico Nacional

FFA – Federação Francesa de Andebol

CREPS - Centro Regional de Treino e Educação

VMA - Velocidade Máxima Aeróbia

PMA - Potência Máxima Aeróbia

DTN - Director Técnico Nacional

ETR - Equipas Técnicas Regionais

ETD - Equipas Técnicas Departamentais

CTR - Coordenador Técnico Regional

FDA - Federação Dinamarquesa de Andebol

FAP - Federação de Andebol de Portugal

1.Introdução

1. Introdução

Hoje em dia, no âmbito do desporto moderno de alto nível, melhorar marcas, alcançar recordes, manter resultados elevados em competições, bem como conhecer as características específicas dos atletas que se destacam, têm-se tornado alvo incansável para pesquisadores e treinadores de qualquer modalidade. Neste sentido, a busca, identificação e orientação de talentos configuram-se como preocupações na área da Ciências do Desporto.

O Andebol, que é a modalidade onde se irá estudar esta temática da identificação e orientação de talentos, é caracterizado por uma dinâmica, que assenta no conflito originado pelas finalidades divergentes por parte das equipas, que actuam em confronto. Este conflito sistemático não é mais do que um processo antagónico de objectivos, motivações e interesses condicionados pelo regulamento existente. A necessidade de resolver situações conflituais que vão surgindo permanentemente ao longo do jogo, exige aos jogadores a utilização de processos racionais de forma a eger e operacionalizar as acções de jogo mais adequadas a cada fase e a cada momento (Latiskevits, 1991).

O andebol contemporâneo de alto nível é caracterizado por impor aos seus praticantes uma elevada intensidade de esforço. Mas esta característica nem sempre foi visível nesta modalidade. As alterações impostas às regras de jogo, em especial à regra do lançamento de saída após golo e à marcação do jogo passivo (Agosto de 1997), promoveram uma maior rapidez e consequentemente maior espectacularidade, traduzindo no aumento do número de acções e deslocamentos efectuados com elevada intensidade, menor utilização das substituições defesa-ataque, e aumento efectivo do tempo de jogo.

A selecção de jogadores, o conceito de jogo e a constituição das equipas também se modificaram. Procura-se um atleta rápido, polivalente, capaz de desempenhar com eficácia quer funções atacantes quer defensivas e com capacidade para manter um elevado grau de eficácia (Póvoas, 1997).

Como se verifica no trabalho desenvolvido por Cercel *et al.* (citado por Moreno, 2004), os jogadores de alto nível devem conter em si alguns factores:

morfológicos (peso, altura, relação peso/altura, envergadura e diâmetro palmar); fisiológicos (rápido, potente e capacidade energética que permite manter a intensidade de jogo); motores (equilíbrio e coordenação dinâmica geral, destreza para a manipulação da bola, dissociação segmentar, capacidade de ritmo na organização temporal do movimento) e técnicos (a motricidade geral vai servir de base a uma motricidade específica para o andebol, que se caracteriza pela realização ajustada de acções eficazes em espaços cada vez mais reduzidos e a uma velocidade progressivamente mais elevada).

Neste sentido, torna-se importante analisar os diferentes modelos de detecção de talentos presentes na modalidade e perceber quais os aspectos mais relevantes para a captação e evolução de novos talentos.

1.1 Objectivos

O presente estudo tem como principal objectivo analisar os distintos modelos de detecção de talentos aplicados em diferentes federações de andebol europeias.

1.2 Estrutura do Trabalho

Para dar cumprimento à realização deste trabalho, este foi estruturado em quatro partes.

No primeiro Capítulo é efectuada uma revisão da literatura, na qual se faz a alusão à definição de talento, talento desportivo e detecção de talentos, assim como à descrição dos diferentes modelos de detecção presentes na modalidade.

No segundo Capítulo serão apresentados o Material e Métodos utilizados.

No terceiro Capítulo serão descritos os três modelos seleccionados: o Modelo Francês; o Modelo Dinamarquês e o Modelo Português. Procura-se descrever a forma como são identificados e seleccionados os talentos e também parte da metodologia utilizada para o desenvolvimento dos mesmos.

No quarto Capítulo será efectuada uma análise aos três modelos onde se irá identificar diferenças/semelhanças nas quatro categorias estabelecidas.

No quinto e último Capítulo será realizada a conclusão do estudo onde serão apresentadas as considerações finais acerca deste trabalho.

2. Revisão Bibliográfica

2. Revisão Bibliográfica

2.1. Conceitos Fundamentais

2.1.1 Talento e Talento Desportivo.

Michael Jackson, Charlie Chaplin, Salvador Dali, Michael Jordan, William Shakespeare, Auguste Rodin, Nicola Karabatic, são sem dúvida considerados por todos os maiores talentos a actuar nas suas distintas áreas.

Independentemente se gostamos ou detestamos as suas prestações ou desempenhos todos nós temos que concordar que todos estes indivíduos são talentosos.

Mas, o que é afinal um talento?

“**Talento** s.m. (Do gr. *tálanon*, «id», pelo lat. *Talentu-*, «id»)

Antigo peso e moeda de ouro dos Gregos e Romanos; disposições intelectuais, naturais ou adquiridas, que condicionam o êxito no domínio das artes, das letras, dos negócios, das relações humanas, etc; nível superior de certas capacidades particularmente estimadas; grande inteligência, engenho; agudeza de espírito; habilidade; pessoa de talento.”

(Dicionário da Língua Portuguesa, 8ª Edição, Porto Editora)

No entanto, o conceito de talento não é consensual aos vários estudiosos desta temática, que valorizam, diferentemente, os factores genético e adquirido. Assim, se para uns autores, o factor genético é o mais importante, considerando que o talento nasce já com aptidões excepcionais que poderão ou não ser desenvolvidas por influência do meio ambiente, outros, baseados na ideologia marxista, consideram as diversas capacidades como não inatas (Carvalho, 1981; Cunha, 1988), resultado de todo um conjunto de influências exteriores ao próprio indivíduo que sobre ele actuam.

De acordo com Helsen *et al.* (2000), ‘talento’ é uma explicação apelante e de senso comum que está na base da capacidade, no desporto. Para Pereira (2000) talento é “alguém que nasce com um nível superior de qualidades

técnicas, físicas e psicológicas...”. Segundo Ferreira (1992), a concepção de talento refere-se a alguém que, dentro de um contexto particular e devido a determinados factores, se evidencia em relação à média em vários aspectos.

De acordo com Cunha (1988), parece razoável admitir que, cada indivíduo é possuidor de factores endógenos especiais, que, quando submetidos a factores exógenos ideais, permitem antever um desempenho desportivo de grande nível. No primeiro grupo de factores e, de acordo com o referido autor, incluem-se os potenciais, genético, físico, psíquico, bem como a tendência natural. Vida privada, condições ambientais, condições do treino e competição, são, de acordo com o mesmo autor, um conjunto de factores exteriores ao indivíduo e que, actuando sobre ele pode influenciar significativamente a sua prestação desportiva.

Marques (1993), considera como talento todo o indivíduo com determinadas características bio-psico-sociais que, perante determinadas condições, deixa antever com segurança a possibilidade de obtenção de elevados rendimentos, nas etapas de prestações elevadas.

Contudo, uma questão se levanta: será que um indivíduo considerado talentoso em determinada área o será apenas na área em questão? Submetido a diferentes condições ambientais, revelaria ele talento para outras actividades?

Se, de acordo com Bento (1989), todo o jovem possui uma determinada medida de talento geral ou especial, pode concluir-se que todo o indivíduo tem talento para actividades de diferentes domínios (Marques, 1993). No entanto, Hofman (citado por Marques, 1993) defende que o maior ou menor grau de desenvolvimento desse talento num determinado domínio dependerá das condições estruturais e ambientais que lhe forem oferecidas, independentemente da actividade em questão.

Neste momento impõe-se que o conceito de talento seja particularizado ao domínio desportivo, tornando-se fundamental uma clarificação de uma das noções importantes no trabalho que nos propomos a fazer, o talento desportivo.

Para Thieb *et al.* (citado por Marques, 1993) talento desportivo pode ser entendido como o grau de dotação de um indivíduo para alcançar elevadas

performances desportivas. Para Hahn (1988), talento desportivo significa a disposição acima do normal, num indivíduo, de conseguir rendimentos elevados no campo desportivo. Para Borms (citado por Gaya *et al.*, 2005), um talento desportivo pode ser definido como um indivíduo que, "num determinado estágio de desenvolvimento, dispõe de certas características somáticas, funcionais, psicológicas e de envolvimento social que o capacita, com grande probabilidade de acerto, para altas performances em determinadas disciplinas desportivas. Portanto, pode-se identificar um talento desportivo como um indivíduo: (a) capaz de apresentar desempenho superior num conjunto de habilidades e capacidades; (b) capaz de manter uma elevada estabilidade nestas habilidades e capacidades excepcionais".

Marques (1993), apresenta, ainda, um conjunto de características, que considera importantes, embora não tão objectivas como as que estão relacionadas com a obtenção de elevados rendimentos e que, em sua opinião, o talento deverá possuir, qualquer que seja a área em causa, nomeadamente:

- ✓ Interesse e empenho no campo escolhido.
- ✓ Vontade de realizar trabalho intenso, para obter elevada expressão na actividade escolhida.
- ✓ Elevada motivação e elevado interesse.
- ✓ Capacidade e facilidade de aprendizagem.

Considera-se ainda importante, uma distinção entre talento desportivo em termos genéricos e talento desportivo num determinado desporto, os quais, na opinião de Maia (1993), não se devem confundir. Com efeito, segundo o referido autor, talento desportivo é um indivíduo que apresenta factores endógenos especiais, os quais, sob influência de condições exógenas óptimas, possibilitam prestações desportivas elevadas; enquanto talento desportivo num determinado desporto se refere a um potencial ou elevado grau de dotação para a obtenção de elevados rendimentos num determinado desporto.

Para Carl (citado por Bohme, 1994) o talento desportivo pode ainda, ser classificado de duas formas:

- ✓ Segundo a categoria (geral: refere-se aos aspectos da aptidão física do indivíduo e uma boa capacidade de aprendizagem motora; específica: tem capacidade e dom especial para determinada situação de exigências desportivas ou tipo de desporto).
- ✓ Segundo o nível de desempenho (que depende da população na qual o talento desportivo faz parte e em relação à situação de comprovação com a qual o seu desempenho é avaliado e comparado).

2.2 Dimensões do Talento

Como vimos o conceito talento é algo abrangente e, ao mesmo tempo, complexo de definir, particularmente quando relacionado com o fenómeno desportivo. Tal como evidencia Simões (1998), “o ‘talento desportivo’ não tem uma definição suficientemente precisa e objectiva e aceite por todos, mas sim abrangentemente considerado, o que dificulta a concretização de estratégias válidas para a sua avaliação”.

Posto isto, muitas vezes surgem questões cujas respostas se revelam inconclusivas devido ao enorme grau de ambiguidade existente. Será que o talento se manifesta do mesmo modo em todas as crianças e jovens? Poderá uma dada especialização afectar a orientação de um indivíduo dotado?

Tendo em vista a estruturação de um modelo cuja finalidade visava a identificação de atletas dotados e a maximização do rendimento, Tschiene (1986) e Marques (1991), definiram três diferentes níveis de expressão do talento desportivo. As características destes níveis estão descritas no Quadro 1:

NÍVEL	DESIGNAÇÃO	CARACTERÍSTICAS
1º	“Talento Motor Geral”	<ul style="list-style-type: none"> • Nível caracterizado por um bom reportório motor, movimentos fluidos e seguros e grande facilidade de aprendizagem das estruturas motoras.
2º	“Talento Desportivo”	<ul style="list-style-type: none"> • Caracteriza-se por uma disponibilidade motora superior à média o que facilita a

		integração em programas de preparação desportiva e obtenção de resultados desportivos, no desporto em geral ou grupos de desportos.
3º	“Talento Específico”	<ul style="list-style-type: none"> • Individuo com potencial ou elevado grau de dotação, motora e psíquica, para a obtenção de elevados rendimentos num dado desporto ou num dado estatuto posicional (p.e: andebol).

Quadro 1: Níveis de expressão do talento segundo Simões (1998, adaptado de Tschiene, 1986 e Marques, 1991).

Por sua vez, Brown (2001) afirma que o talento se pode evidenciar a partir de cinco níveis, conforme se pode observar no Quadro 2:

NÍVEL	DESIGNAÇÃO	CARACTERISTICAS
1º	<i>“Talento Unidimensional”</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Quando um individuo possui um conjunto de capacidades direccionadas para um mesmo fim.
2º	<i>“Talento Multidimensional”</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Quando um atleta precisa de combinar um conjunto de capacidades físicas e emocionais em cada minuto de jogo. Tal implica tomadas de decisão, manipular uma bola, mudar de direcção, evitar defesas e reagir aos companheiros de equipa e adversários.
3º	<i>“Talento Específico de um Desporto”</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Atleta com um elevado nível de competências, não obstante a sua vocação para um desporto ou modalidade em particular.
4º	<i>“Talento Multidesportivo”</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Atleta capaz de praticar qualquer desporto com um nível de rendimento

		elevado.
5º	<i>“Talento em Desenvolvimento”</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Atletas que sobressaem num dado desporto ou que possivelmente dominam os seus pares em cada nível ou grupo de idades. Estes atletas são bons num determinado grupo de idades. Contudo, tal não serve de garantia para afirmar que o serão num grupo de idades mais avançado.

Quadro 2: Níveis de expressão do talento segundo Brown (2001)

2.3 Detecção e Selecção de Talentos Desportivos

É incontestável a importância que a Detecção e Selecção do Talento Desportivo (DSTD) assume no moderno desporto de alta competição, o qual visa, acima de tudo, o estabelecimento constante de novos recordes e a formação de futuros campeões. Campeões esses que, segundo Beloti e Donati (citado por Araújo, 1985), são acima de tudo, o resultado de um vasto e bem organizado recrutamento e, secundariamente a expressão de um sistema de treino minuciosamente organizado.

Mas, em que consiste, afinal, este processo que, “quando realizado de forma organizada e estruturada, se constitui como um dos principais factores que influenciam o rendimento desportivo de alto nível” (Beloti e Donati, citado por Araújo, 1985)?

Trata-se de um sistema de medidas organizacionais e metodológicas que incluem métodos pedagógicos, psicológicos, sociológicos e médico-biológicos de investigação, com base nos quais se detectam as capacidades de crianças, adolescentes e jovens com vista à especialização numa modalidade desportiva ou num grupo de modalidades (Filin e Volkov, 1998).

Contudo, Detecção e Selecção são conceitos diferentes que convêm esclarecer. Se ambos têm em comum o estabelecimento de um prognóstico acerca de determinado indivíduo, o prazo de aplicação desse prognóstico é

diferente, conforme se trate de detectar um talento (longo prazo) ou de seleccioná-lo para a prática de determinada modalidade ou grupo de modalidades (curto prazo).

A Detecção de Talentos refere-se, fundamentalmente, à tentativa para encontrar uma correspondência entre uma variedade de características de performance que podem ser inatas ou sujeitas aos efeitos da aprendizagem ou treino, e as exigências de um determinado desporto, de forma a garantir uma alta probabilidade de máximo rendimento (Régnier *et al.*, 1993). Trata-se de um processo que permite efectuar um prognóstico a longo prazo acerca de um sujeito que evidencia atributos e capacidades características dos atletas de elite e que lhe permitirão integrar uma população de atletas de excelência desportiva (Salmela e Régnier, 1983).

Para Williams e Reilly (2000), a Detecção de Talentos refere-se à descoberta de potenciais executantes que, geralmente, não estão envolvidos no desporto em questão. Para Costa e Alves (1990), no contexto do andebol, a Detecção de Talentos caracteriza-se por descobrir em idades tenras indivíduos que, devido às suas capacidades motoras, somáticas e psíquicas tenham as características necessárias para obter bons resultados em alta competição.

Por outro lado, na Selecção de Talentos é efectuado um prognóstico a curto prazo para um indivíduo situado num grupo de atletas. Este prognóstico baseia-se no postulado segundo o qual, o indivíduo em causa possui atributos, nível de aprendizagem, treinabilidade e maturidade necessários para evidenciar uma performance superior aos outros membros do grupo (Salmela e Régnier, 1983, e Régnier 1987, citados por Maia, 1993). Trata-se de uma tarefa que, segundo Régnier, Salmela e Russel (1993), tem como finalidade escolher os indivíduos mais apropriados para melhor resolver as tarefas específicas de um determinado contexto, como por exemplo, nos Jogos Olímpicos. A Selecção de Talentos é, para estes autores, vista como uma “Detecção de Talentos a curto prazo”, não se constituindo tanto como um processo, mas antes como uma tarefa pontual integrada na Detecção de Talentos. De acordo com Marques (1993), a realização prática da Selecção de Talentos passa por procurar despistar os indivíduos em que, a partir da definição de tipologias e normas, se pode estabelecer uma diferenciação, uma hierarquização, de

valores que permite discriminar os mais e os menos aptos para a prática desportiva.

2.3.1 Detecção e Selecção de Talentos Desportivos – breve resenha histórica.

A DSTD, enquanto processo científico devidamente fundamentado e estruturado, tem origem nos países da Europa de Leste, que, não por acaso, se transformaram nas grandes potências mundiais a nível desportivo. Com efeito, já na década de 50, no então RDA, se utilizavam processos científicos tendentes a detectar e seleccionar talentos para a prática desportiva, o mesmo se verificando, nos finais da década de 60, na então URSS (Marques, 1993).

Os países ocidentais, preconceituosos em relação à DSTD, que continuavam a confundir com um ramo da especialização precoce, apenas a partir dos anos 80 aderiram ao processo, criando “condições humanas, financeiras e materiais para a resolução desta importante componente do desporto de rendimento” (Marques, 1993). O interesse por esta problemática, de acordo com o mesmo autor, aumentou, o que se verifica tanto em termos de documentos teóricos, como em relação debates sobre possibilidades e procedimentos a adoptar neste campo.

Apesar do crescente interesse pela problemática da DSTD, verificado no nosso país a partir dos finais da década de 80 e principio dos anos 90, os trabalhos teóricos e de investigação realizados apontam para uma Detecção e Selecção de Talentos onde prevalecem, ainda, métodos empíricos baseados, fundamentalmente, na experiência e observações feitas no treino e em situações competitivas. A prevalência desta observação pedagógica face a processos científicos pode originar a que, durante a observação de crianças e jovens no treino, vários aspectos sejam ignorados e, quem sabe, conduzir à perda de um jovem com um futuro desportivo promissor (Marques, 1993).

Segundo Marques (1993), o processo de DSTD no nosso país caracteriza-se por:

- ✓ Clubes, Associações e Federações desenvolvem esforços isolados para recrutarem jovens com talento.
- ✓ O conceito de Detecção de Talentos é encarado de forma parcial que, sobrevalorizando as componentes biológicas no diagnóstico da aptidão, resulta num insucesso relativo das medidas adoptadas.
- ✓ A construção de um sistema de preparação desportiva para os jovens talentos não inclui instituições fundamentais como a escola, clubes, associações, federações e outras estruturas de enquadramento. É, muitas vezes, negada importância a estas instituições que trabalham dissociados, na tentativa de resolução de um problema comum.
- ✓ As incompatibilidades encontradas entre organismos que tutelam o desporto de rendimento e o desporto e a educação física na escola, são prejudiciais para as escolas e os clubes, em nada favorecendo o desporto e os jovens.
- ✓ Utilização de critérios e normativas sem consistência pedagógica e científica.
- ✓ Persistem dúvidas acerca da pertinência da elaboração de um sub-sistema de DSTD, uma vez que não estão reunidas as condições necessárias para a sua promoção e desenvolvimento.

2.4 Etapas para a detecção e selecção de talentos

A investigação e identificação de talentos no Andebol, como em qualquer outra modalidade, refere-se ao processo de localização geral de indivíduos com o compromisso ou a esperança de alcançar a sua maturidade em jogadores de elite (Reilly e Williams, 2000). Segundo estes autores, a identificação de talentos parece revelar-se mais complexa nos jogos desportivos colectivos comparativamente aos desportos individuais, na medida em que, nestes últimos, os procedimentos utilizados para medir a performance envolvem um menor grau de subjectividade.

A literatura mostra-nos que na área da selecção e detecção de talentos há um reconhecimento e um investimento cada vez maior da parte dos clubes

(Bilton, 1999). Estes, têm cada vez mais a noção da importância dos benefícios resultantes da capacidade de recrutar jogadores talentosos e desenvolvê-los na máxima potência (Barbosa, 2000). Neste sentido, Marques (1991; 1998), Bilton (1999) e Barbosa (2000) afirmam que a determinação das capacidades dos atletas só é possível se o processo for devidamente sistematizado e coerente, englobando etapas bem definidas, bem como recorrendo a técnicos devidamente qualificados. De acordo com Simões (1998) a partir das etapas podem ser desenvolvidas formas de seleccionar os atletas em função das características que compõem cada uma delas.

Neste sentido, Nadori (cit. por Simões, 1998) propôs três etapas para a selecção de jovens dotados:

- 1ª Etapa → *Geral*: realiza-se uma primeira filtragem recorrendo-se a uma bateria de testes (força dinâmica e estática, coordenação, velocidade, flexibilidade, estrutura corporal, etc...) que assenta nas capacidades físicas.
- 2ª Etapa → *Semi-específica*: realiza-se uma avaliação dos progressos feitos nas fases iniciais do treino. Na puberdade provou ter validade, um conjunto de testes de capacidade motoras (corrida de 30 metros, força dos músculos abdominais, flexibilidade e resistência anaeróbia).
- 3ª Etapa → *Específica*: desenvolve-se as qualidades específicas requeridas para o desporto escolhido, baseadas no treino e competências sistemáticas.

De acordo com Bompa (1990) parece haver um certo consenso na literatura quanto ao facto da identificação do talento se realizar em 3 fases distintas, não se reportando apenas às capacidades coordenativo-condicionais, mas delimitando-as em função do desenvolvimento geral do indivíduo e do processo de preparação para a modalidade. Assim temos:

- 1ª Etapa → *Primária*: engloba praticamente toda a primeira infância, entre os 3 e 8 anos. A avaliação é realizada fundamentalmente no que

respeita ao estado geral de saúde, desenvolvimento corporal harmonioso e coordenações motoras de base.

2ª Etapa → *Secundária*: situa-se imediatamente antes do período pubertário e durante todo este período. A avaliação do estado geral de saúde inclui o despiste de eventuais dismorfismos que possam limitar a prestação de excelência (desvios de coluna, valgismo dos joelhos ou pé plano); fragilidades do aparelho locomotor (articulações); a análise do padrão básico da composição corporal (somatótipo), bem como a avaliação no plano fisiológico e motor quer em laboratório, quer em condições reais e próximas da competição.

3ª Etapa → *Complementar*: varia segundo a modalidade e culmina com a “consagração” no quadro de actividade das equipas representativas do país e com o nível das suas prestações internacionais.

Estas etapas revelam-se um pouco limitadas na medida em que centram a sua atenção fundamentalmente na aptidão física do indivíduo, subalternizando, de certa forma, outras capacidades que nos parecem cruciais, como por exemplo as psicológicas (mentais) e as sociológicas.

Mais recentemente, Volossovitch (2000) salienta os aspectos que considera mais importantes e pertinentes na organização do processo de selecção de talentos desportivos por etapas. Em sintonia com a opinião da maioria dos especialistas, a autora aponta, dentro do processo de selecção e detecção de talentos nos jogos desportivos colectivos, a existência de cinco etapas:

1ª Etapa → *Seleção Preliminar*: deve ter lugar na idade considerada ideal para o início do treino em determinada modalidade e pressupõe, não tanto, a escolha dos melhores talentos, mas sim a detecção de jovens que não apresentam qualquer propensão para a modalidade em causa. Deve dedicar-se especial atenção às características psico-sociais do jovem e à análise do meio

envolvente.

2ª Etapa → *Seleção Prognóstica*: pressupõe a prática desportiva de pelo menos um ano e cujo principal objectivo consiste em confirmar a correspondência das características e capacidade do jovem às exigências da modalidade escolhida.

3ª Etapa → *Seleção Orientada*: consiste em determinar a especialização do atleta numa disciplina ou num posto específico, e também verificar a correspondência entre as características e capacidades individuais do atleta e as exigências específicas da actividade específica em causa. Segundo esta autora, nesta etapa já é possível prognosticar com alto grau de probabilidade o futuro desportivo do praticante.

4ª Etapa → *Seleção Especializada*: pretende-se fundamentalmente comprovar a possibilidade do desportista atingir altas prestações desportivas suportando cargas imensas de treino e competição.

5ª Etapa → *Seleção de Elite*: prevê a definição de desportistas com potencial para atingir o mais alto nível de rendimento. Na avaliação do nível de preparação do atleta deve ser dada preferência aos que conseguem maior acréscimo de resultados com menores cargas de treino, uma vez que estes desportistas possuem maiores reservas para aperfeiçoamento das suas capacidades. Nesta etapa, a avaliação das capacidades físicas individuais revela-se um factor indispensável.

No Quadro 3 observa-se mais detalhadamente os critérios a seguir ao longo das diferentes etapas de seleção de talentos nos Jogos Desportivos Colectivos.

ETAPAS DE SELECÇÃO	CRITÉRIOS DE SELECÇÃO
<i>“Preliminar”</i>	<ul style="list-style-type: none">• Estado de saúde; coordenação geral; reportório motor; dados antropométricos; velocidade de execução e aceleração; motivação.

<p><i>“Prognóstica”</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> • Dados antropométricos; maturidade biológica; força rápida; velocidade de reacção complexa; capacidades coordenativas relacionadas com a aprendizagem da técnica e táctica do jogo; ritmos de desenvolvimento das principais capacidades físicas; perfil psicológico.
<p><i>“Orientada”</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> • Maturidade biológica; características morfológicas; velocidade de reacção complexa; capacidade de antecipação; técnica individual; ritmos de desenvolvimento das principais capacidades físicas; perfil psicológico; motivação.
<p><i>“Especialização”</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> • Nível de preparação física específica; variedade e eficácia técnica e táctica; velocidade de reacção complexa; capacidade de antecipação; perfil psicológico; tolerância ao <i>stress</i> competitivo.
<p><i>“Elite”</i></p>	<ul style="list-style-type: none"> • Características morfológicas; indicadores do funcionamento dos sistemas respiratórios e cardiovasculares e funcionais; capacidades físicas; capacidade de antecipação e concentração; nível de preparação técnico-táctica; perfil psicológico; tolerância ao <i>stress</i> competitivo.

Quadro 3: Critérios a considerar nas diferentes etapas de selecção de talentos nos Jogos Desportivos Colectivos, adaptado de Volossovitch (2000).

Verifica-se que ao longo das etapas de selecção de talentos os critérios vão evoluindo, sendo inicialmente de carácter coordenativo e vão progredindo essencialmente do ponto de vista físico do atleta.

2.5 Identificação de Talentos e Desenvolvimento de talentos

A identificação de talentos bem como o seu desenvolvimento são um ponto crucial na obtenção da excelência conforme confirma a Figura 1.

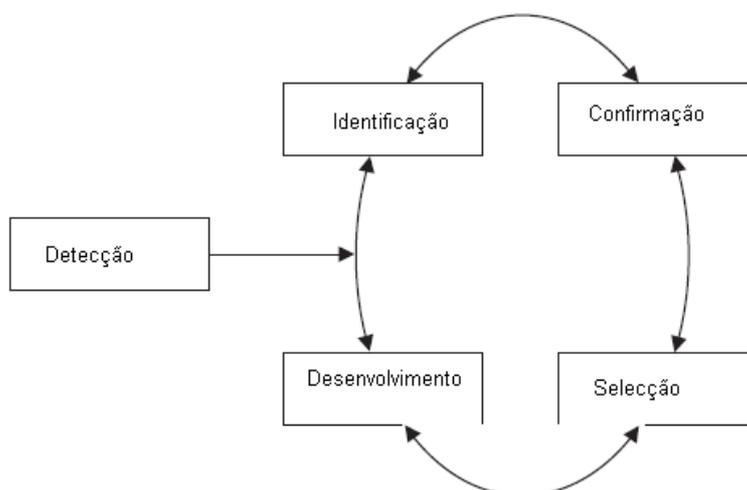


Fig.1. Etapas chave na identificação do talento e seu processo de desenvolvimento. Detecção é a descoberta de potenciais atletas que não estão envolvidos no processo desportivo; a selecção envolve a escolha do atleta (ou conjunto de atletas) com as condições mais apropriadas para a realização de uma determinada tarefa (numa equipa) [adaptado de Williams e Reilly (2000)].

Muitas crianças lutam para atingir a excelência no desporto. No entanto, apesar de a identificação de talentos e os programas de desenvolvimento ganharem popularidade nas últimas décadas, não há um quadro teórico uniformemente aceite para orientar a prática corrente. As taxas de sucesso na identificação e nos programas de desenvolvimento de talentos raramente têm sido avaliadas e a validade dos modelos aplicados continua a ser debatida (Vaeyens, R., Lenoir, M., Williams, M., & Philippaerts, R., 2008).

Há um consenso que vem crescendo ao longo dos últimos tempos, e que refere que os modelos tradicionais de identificação de talentos excluem muitas crianças "promissoras". Estas são impedidas de participar em programas de desenvolvimento devido à dinâmica e natureza multidimensional do talento desportivo. No entanto, defendem que a identificação e os programas de desenvolvimento de talentos devem ser dinâmicos e interligados

tendo em consideração a maturidade e o potencial da criança para a desenvolver em vez de a excluir em idade precoce (Vaeyens,R, Lenoir, M, Williams, M., & Philippaerts, R., 2008).

2.5.1 Identificação de Talentos

A expressão “identificação de talentos” refere-se ao processo de reconhecimento dos indivíduos com potencial para se tornarem jogadores de elite (Williams e Reilly, 2000), implicando a predição da performance ao longo de vários períodos de tempo, medindo atributos físicos, fisiológicos, psicológicos e sociológicos, assim como capacidades técnicas, quer isoladas quer em combinação (Régnier *et al.*, 1993). Tipicamente, a identificação de talentos é entendida como parte do desenvolvimento do talento em que a identificação pode ocorrer em vários estádios do processo (Williams e Reilly, 2000), sendo crucial determinar se o indivíduo tem potencial para beneficiar de um programa sistemático de apoio e de treino (Williams *et al.*, 1999).

No entanto, este processo tem suscitado algumas questões relativamente à sua eficácia. Investigadores que aplicam este método tradicional de identificação baseiam o seu trabalho na crença de que as características importantes para o sucesso na performance adulta podem ser extrapoladas para identificar jovens talentos (Morris, 2000). No entanto, os atletas que possuem estas características não vão necessariamente mantê-las ao longo do seu processo de maturação (Ackland & Bloomfield, 1996). Além disso, é evidente que características inatas ou pré-adolescentes não vão traduzir-se automaticamente em performances excepcionais na vida adulta. Factores como a maturação e o impacto do efeito do treino influenciam o processo de desenvolvimento (Abbott & Collins, 2002).

Outro problema com este método é o facto do nível de maturação do indivíduo afectar as suas características da performance incluindo a potência aeróbia, força muscular, resistência muscular, execução de habilidades motoras e inteligência geral. Como a idade cronológica e a maturação biológica raramente evoluem ao mesmo nível, certas crianças podem ser

(des)favorecidas nos testes de performance devido ao seu estado maturacional, especialmente quando se comparam resultados com normas específicas relativas à idade cronológica.

2.5.2 Desenvolvimento de talentos

Finalmente, o período de “desenvolvimento de talentos” implica que aos jogadores seja disponibilizado um bom ambiente de aprendizagem para que tenham a oportunidade de explorar o seu potencial (Williams e Reilly, 2000). Na perspectiva dos autores desta área do desenvolvimento do talento, tem-se alimentado um interesse considerável, ainda que tardio, levando diversos investigadores a sugerir que tem havido um transfere do ênfase dado à detecção e identificação de talentos, para o desenvolvimento e orientação do talento.

Através da análise da literatura pode verificar-se que as várias designações são empregues, indistintamente, como tendo o mesmo sentido ou significado. Portanto, de acordo com Moore *et al.* (Citado por Davids *et al.*, 2000) quando se pretende aprofundar o conhecimento acerca desta temática é desejável separar os diferentes conceitos, embora todos eles impliquem um julgamento acerca das qualidades de alguém e a concessão de uma oportunidade para realizar algo, para a qual um dado individuo foi julgado apto ou capaz.

Para Cunha (1999), o processo de desenvolvimento desportivo do talento sustenta-se fundamentalmente na sua vontade e motivação para o trabalho. No que diz respeito ao treinador, o sucesso desportivo a nível nacional e internacional obriga a um planeamento desportivo rigoroso, em todas as suas vertentes, projectando-se igualmente as perspectivas sociais e culturais a atingir. Assim, no sentido de se respeitarem os perfis e os ritos de desenvolvimento do talento desportivo bem como a necessidade de um planeamento que considere as diversas vertentes do processo devem ser consideradas três etapas fundamentais na formação de talentos: de formação básica; de treino específico e de treino de alto nível conforme discriminado no Quadro 4.

Etapas na Formação dos Talentos	
Formação básica	Iniciada por volta dos 10 anos. Deve-se tomar em atenção que, nesta etapa, não importa só a especialização dos atletas, é necessário que neste período as crianças tenham experiência em várias modalidades, através da diversificação de actividades e a assimilação dos movimentos técnico-desportivos básicos.
Treino específico	Desenvolve-se dos onze aos 14/15 anos. Orienta-se para a aquisição progressiva e refinada de movimentos que possibilitam a execução de tarefas mais complexas durante o jogo. Oferecendo a oportunidade aos jovens de conhecer o jogo utilizando-se do seu potencial intelectual para a compreensão das acções técnico-tácticas.
Treino de alto nível	Esta etapa circunscreve-se à especialização na modalidade, pelo que todo o processo de treino é enfatizado para o trabalho em equipa a partir do trabalho individual a nível do treino formação dos sistemas funcionais como a força, a resistência ou a velocidade.

Quadro 4 – Etapas na Formação dos Talentos

Para o mesmo autor, o jovem talento não se constrói sozinho. O apoio familiar, a escola, os amigos e outros, são factores preponderantes que é necessário gerir e que devem ter um peso relativo nas decisões que terá de realizar em cada marco da sua vida. No seguimento do mesmo pensamento, Kay (2009) considera o apoio familiar crucial no desenvolvimento do talento.

2.6 Detecção e selecção de talento no Andebol

Para alcançar resultados satisfatórios no desempenho de qualquer equipa, é de grande importância, como primeiro passo, fazer uma detecção prévia de futuros atletas, tentando sempre que estes sejam os mais capazes e que tenham as habilidades necessárias para o desporto (Hernandez & Shimey, 2009). No Andebol esta perspectiva não é diferente.

Ao longo deste ponto será descrita a caracterização do jogo de andebol e apresentadas características que têm vindo a ser estudadas na detecção de talentos no Andebol, por diversos autores.

2.6.1 Caracterização do Jogo de Andebol

O Andebol é um jogo que se disputa entre duas equipas de 7 jogadores cada, numa espaço de 800m^2 (40 metros de comprimento por 20 metros de largura), que apresenta uma área restritiva junto às balizas, de 159m^2 onde apenas o guarda-redes se pode movimentar. Cada uma das equipas possui ainda 7 suplentes, que podem ser utilizados a qualquer momento do jogo, por substituição dos atletas que se encontram em jogo. Os alvos neste desporto são duas balizas com dimensões de 6m^2 (3 metros de largura por 2 altura) que são directamente defendidos pelos guarda-redes. Utiliza-se uma bola que pelas suas dimensões, (58 a 60 cm de diâmetro e 425 e 475 gramas de peso), pode ser facilmente manejada com uma só mão (Sánchez, 1991).

Do ponto de vista do tempo de jogo, o andebol tem uma duração real de 60 minutos, dividida em duas partes de 30 minutos cada. Entre cada uma das partes, o regulamento obriga a um intervalo de 10 minutos. Contudo, não são

raras as situações que evidenciam tempos de jogo que excedem largamente os 75 minutos (Borges, 1996).

As disputas de bola são mais frequentes entre os 5 e os 15 metros, desde a linha de baliza (Oliveira, 2003). Este espaço de jogo é onde se realiza a maioria das acções, exigindo ao atleta elevados níveis de força e de velocidade de execução (Garcia, 1994).

O Andebol contemporâneo de alto nível é caracterizado por impor aos seus praticantes uma elevada intensidade. Mas esta característica nem sempre foi visível nesta modalidade.

As alterações realizadas às regras de jogo, em especial à regra de lançamento de saída após o golo e à marcação do jogo passivo (Agosto de 1997), promoveram uma maior rapidez e consequentemente maior espectacularidade, traduzindo no aumento do número de acções e deslocamentos efectuados com elevada intensidade, menor utilização das substituições defesa-ataque, aumento do tempo efectivo de jogo.

A selecção de jogadores, o conceito de jogo e a constituição das equipas também se modificaram. Procura-se um jogador rápido, polivalente, capaz de desempenhar com eficácia quer funções atacantes quer defensivas e com capacidade para manter um elevado grau de eficácia, (Póvoas, 1997).

2.6.2 A antropometria na detecção de talentos no andebol

As características antropométricas têm influência no jogo de Andebol (Fernández, Vila & Rodríguez, 2004). A antropometria tem sido muito utilizada na detecção utilizando aspectos como a altura, a envergadura ou a posição que ocupa o jogador no campo, de forma a estabelecer perfis antropométricos que determinem a excelência desportiva.

Assim, segundo alguns autores existem um conjunto de características físicas que favorecem a evolução dos jovens talentos.

Para Fernández, Vila e Rodríguez (2004), o diâmetro palmar e a preensão permitem um maior e melhor domínio da bola, assim como a envergadura possibilita uma maior mobilidade e maior ocupação do espaço em acções defensivas e ofensivas.

As habilidades motoras básicas e as capacidades psicológicas são outros elementos avaliados para se identificar aqueles que podem marcar a diferença neste desporto.

A investigação nesta área demonstra que a maior parte dos trabalhos desenvolvidos preocupam-se essencialmente com a antropometria dos jogadores e a sua relação com o posto específico.

Hasan, Rahaman, Cable e Reilly (2007) estudaram os perfis dos jogadores internacionais asiáticos e as diferenças entre as posições que ocupam. Os resultados demonstraram diferenças evidentes entre as equipas do Este Asiático (são mais altos e têm menos gordura) e do Oeste Asiático. As melhores equipas têm atletas mais altos e magros do que as piores. O estudo conclui que os jogadores de andebol na Ásia são antropometricamente diferentes dos europeus e que as variáveis antropométricas estão associadas ao êxito nos torneios de nível internacional na Ásia.

Estudos realizados no Brasil chegaram a conclusões semelhantes. Giordani *et al* (2007) referem que a morfologia corporal é um critério que pode ser importante para o rendimento dos atletas. Nesta linha, os mesmos autores encontram em jogadores brasileiros de andebol, diferenças em função da posição, sendo estas mais claras no caso de posições defensivas do que ofensivas. Segundo o ponto de vista ofensivo, os extremos são os mais pequenos, sendo no entanto os mais ágeis e os mais rápidos. Relativamente à defesa, os jogadores que se encontram na zona central são os mais altos. De uma forma geral, os jogadores que se encontram nas zonas centrais têm maior envergadura do que os extremos.

Srhoj *et al.* (2002) identificou cinco perfis antropométricos que correspondem às posições dos atletas no terreno de jogo. Nesta linha de investigação, os mesmos autores, determinaram as características morfológicas dos jogadores seniores. Analisando as suas especificidades e as posições do jogo obteve-se um corpo atlético com um forte esqueleto mesomórfico longitudinal. Os extremos e os *pivots* são mais volumosos sendo os pivots aqueles que possuem maior percentagem de massa gorda. Há mais homogeneidade entre os perfis morfológicos dos jogadores da primeira linha do que dos jogadores de segunda linha e guarda-redes. Assim, abre-se uma nova

via de selecção, escolhendo-se os jogadores através dos seus perfis morfológicos, para que sejam compatíveis com a especificidade da posição que ocupam em campo.

Outra linha de investigação que também se ocupa das medidas corporais centra-se, de forma específica, nas medidas da mão. Para Visnappu e Juerimae (2007), o comprimento dos dedos e da mão são os melhores indicadores da precisão de remate.

2.6.3 Outras variáveis para a detecção de talentos no andebol

Na evolução da detecção de talentos no andebol foram utilizados outros parâmetros para além da antropometria. Srhoj, Rogulj, Zagorac, e Katic (2006) avaliaram as habilidades motoras básicas como determinantes no rendimento no andebol. Os resultados deste estudo concluem que as atletas com mais tempo de prática têm pontuações mais altas nas seguintes variáveis: coordenação do braço, coordenação geral, remate e saltos explosivos, movimentos repetitivos do braço e habilidades motoras baseadas na coordenação, força explosiva e velocidade. Destes dados depreende-se que é possível a utilização de outro modelo de detecção de talentos, sendo a coordenação fina do braço o factor limitador do rendimento mais destacado.

Para Lidor *et al.* (2005) os testes de habilidades específicas são o melhor indicador para a detecção de talentos. Estes autores abrem uma nova linha de investigação centrada em destacar a utilidade dos testes específicos para a valorização das habilidades e capacidades cognitivas. Deste modo, afastam-se um pouco da perspectiva biomédica/antropométrica centrando-se nos aspectos cognitivos.

Segundo os coordenadores dos centros de formação de prestígio, o contexto é um dos elementos mais influentes no desenvolvimento dos jovens talentos; a este seguem-se os aspectos psicológicos (Sáenz-López *et al.*, 2004).

3. Material e Métodos

3. Material e Métodos

3.1 Amostra

A amostra deste estudo é constituída por 3 modelos de detecção e desenvolvimento de talentos. Modelos estes pertencentes à Federação Francesa de Andebol, à Federação Dinamarquesa de Andebol e à Federação de Andebol de Portugal.

3.2 Instrumentos

Foram escolhidos dois documentos que continham a descrição dos modelos de detecção de talentos Francês e Dinamarquês.

O modelo Francês foi descrito por dois colegas da faculdade que estudaram em França através de um documento escrito pelos próprios, durante a sua permanência em Bordéus.

O modelo Dinamarquês foi retirado directamente do *site* da FDA tendo sido traduzido para Português. Algumas traduções foram realizadas por um elemento da FDA.

O modelo da FAP foi recolhido através de uma entrevista ao Coordenador Técnico Nacional. A entrevista está dividida em duas categorias – (i) Detecção do Talento, onde é importante perceber qual é a estratégia utilizada para a angariação de novos talentos; (ii) Desenvolvimento do Talento, onde se pretende perceber a metodologia utilizada nas selecções e que avaliação é realizada para controlo da evolução dos atletas.

Estas duas categorias permitem ter uma ideia do modelo Português, e possibilitam a análise de pontos comuns/ diferenciadores com os outros modelos.

3.3 Procedimentos

3.3.1 Análise de Conteúdo

Após a recolha dos documentos já mencionados recorreremos à análise do conteúdo.

A análise do conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens (cujas características foram inventariadas e sistematizadas), indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Quivy & Campenhoudt, 2008).

A análise de conteúdo é uma técnica de tratamento de informação que não se limita a uma simples descrição. A sua finalidade é a descrição objectiva e sistemática do conteúdo manifesto da comunicação, efectuando inferências sobre mensagens cujas características foram inventariadas e sistematizadas (Vala, 1986; Bardin, 2004). Esta técnica incide sobre mensagens tão variadas como obras literárias, artigos de jornais, documentos oficiais, programas audiovisuais, declarações políticas, etc. A escolha dos termos utilizados pelo locutor, a sua frequência e o seu modo de disposição, a construção do “discurso” e o seu desenvolvimento são fontes de informação a partir das quais o investigador tenta construir um conhecimento. Este pode incidir sobre o próprio locutor ou sobre as condições sociais em que o discurso é produzido (Quivy & Campenhoudt, 2008).

Segundo Bardin (2004), a análise do conteúdo aparece como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição dos conteúdos das mensagens”. Esta técnica permite inferir acerca do material recolhido, formular interpretações sobre o mesmo e atribuir-lhe significado no contexto pretendido para determinado estudo.

A análise de conteúdo, conforme indica Bardin (2004), possui duas funções. Uma função heurística, na qual existe uma tentativa exploratória, de descoberta do material, partindo sem hipóteses; e uma função de

administração de prova, através da qual se confirmam ou não as hipóteses ou afirmações provisórias que servem de directrizes. À semelhança de Bardin (2004), Vala (1986) refere-se à análise de conteúdo como sendo *a priori*, ou *a posteriori*, ou através da combinação dos dois processos.

Se a interacção entre o quadro teórico de partida do analista, os problemas concretos que pretende estudar e o seu plano de hipóteses, permitem a formulação de um sistema de categorias e que lhe importa é a detecção da presença ou da ausência dessas categorias no *corpus*, então o analista optará por categorias definidas *a priori*. Porém, o investigador pode recorrer a uma estratégia diferente: definido o quadro teórico e um leque de hipóteses, parte para um trabalho exploratório sobre o *corpus*, o que lhe permite, através de sucessivos ensaios, estabelecer um plano de categorias que revela simultaneamente a sua problemática teórica e das características concretas dos materiais de análise, neste caso o investigador optará por categorias definidas *a posteriori* (Vala, 1986; Quivy & Campenhoudt, 2008).

Neste estudo optou-se por formular um sistema de categorização *a priori*, onde já existia uma ideia das categorias que se pretendiam analisar.

Segundo Bardin (2004), a análise do conteúdo organiza-se em várias fases, designadamente: (i) a pré-análise; (ii) a exploração do material; (iii) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. Quanto às fases pré-análise e exploração do material, são fases de organização, durante as quais se estabelece um programa que embora possa ser flexível, deverá ser o mais preciso possível.

Independentemente do nível de investigação empírica, a prática da análise de conteúdo pressupõe várias operações mínimas (Vala, 1986): (i) delimitação dos objectivos e definição de um quadro de referências teórico orientador da pesquisa; (ii) constituição de um *corpus* de estudo; (iii) definição de categorias; (iv) definição de unidades de análise e (v) quantificação e/ou interpretação. Nesta investigação, definiu-se como objectivos da análise de conteúdo: a organização do processo de captação e desenvolvimento dos talentos de cada Federação referidos anteriormente no *corpus do estudo*.

Tendo sido tratados anteriormente os dois primeiros tópicos, passemos agora ao terceiro, a construção do sistema de categorias.

3.3.2 Construção das categorias de análise – Categorização

A categorização ou classificação é uma tarefa que realizamos quotidianamente com vista a reduzir a complexidade do meio ambiente, estabilizá-lo, identificá-lo, ordená-lo ou atribuir-lhe sentido, com o objectivo de simplificar para potenciar a apreensão e se possível, a explicação (Vala, 1986).

De acordo com a definição de Bardin (2004), a categorização é definida como uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género (analogia), com os critérios previamente definidos.

Podemos enunciar que as categorias são como rubricas ou classes, onde se reúnem um grupo de elementos (unidade de registo ou de contexto, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, este agrupamento é realizado tendo em ponderação os caracteres comuns desses mesmos elementos (Bardin, 2004).

Para o mesmo autor, a partir do momento em que a análise de conteúdo decide codificar o seu material, deve produzir um sistema de categorias. Existem boas e más categorias, para que as categorias tenham qualidade devem respeitar os seguintes critérios: (i) a exclusão mutua, isto é, cada elemento não pode existir em mais de que uma categoria; (ii) a homogeneidade, um único princípio de classificação deve governar a sua classificação, ou seja, num mesmo conjunto categorial, só se pode funcionar com um registo e com uma dimensão de análise. O princípio anterior está dependente deste; (iii) a pertinência, que existe quando uma categoria está adaptada ao material de análise escolhido e pertence ao quadro teórico definido; (iv) a objectividade e a fidelidade, ou seja, as variáveis a tratar devem ser claramente definidas, assim como devem ser definidos os índices que determinam a entrada de cada elemento numa categoria; (v) a produtividade, um conjunto de categorias é produtivo se fornecer dados férteis. Desta forma, as categorias foram construídas de forma a tornar evidente o que incluir ou não em cada uma delas, sem nunca esquecer que cada categoria faz parte de um

todo, e desta forma não podem ser completamente independentes das restantes.

Depois de escolhidas as categorias, é necessário definir as unidades de análise, que para Vala (1986) e Bardin (2004), podem ser de dois tipos: (i) de registo e (ii) de contexto.

Nesta investigação, e tendo em conta os objectivos delineados, optou-se pela unidade de registo. Depois da selecção das unidades de análise, seguir-se-á a definição das regras de enumeração, isto é, a unidade em função da qual se precede à quantificação, o modo de contagem das unidades registadas. A escolha das unidades de enumeração deve ser cuidadosamente ponderada, pois diferentes tipos de unidades podem conduzir a diferentes resultados (Vala, 1986). Desta forma, é necessário definir regras de enumeração. Para Bardin (2004), estas podem ser:

- A presença ou ausência: a presença ou ausência de determinada unidade de registo poderá ser significativa, funcionando nesse caso como um indicador.
- A frequência: é a medida mais utilizada na enumeração. A frequência parte do pressuposto de quanto maior for o número de vezes que certa unidade de registo ocorre, mais importante será.
- A frequência ponderada: quando uma determinada unidade de registo surge com maior importância do que outra, podemos recorrer a um sistema de ponderação.
- A intensidade: surge no sentido de analisar valores obtidos, a forma como determinado verbo, o tempo do verbo, os advérbios de modo, adjectivos e atributos qualitativos.
- A direcção: surge quando a ponderação da frequência traduz um carácter qualitativo. Esta pode ser favorável, desfavorável ou neutra.
- A ordem: corresponde à disposição das unidades de registo. A ordem auxilia a determinação da existência de constantes que são evidenciadas na ordem de sucessão dos elementos.
- A co-ocorrência: é a presença simultânea de duas ou mais unidades de registo.

Quanto às regras de enumeração, neste trabalho optou-se pela utilização da regra da presença e da ausência e da regra da frequência. Estas são as que mais se adequam aos objectivos previamente traçados para este estudo.

Mediante a revisão da literatura, a leitura flutuante do corpus do estudo, a unidade de análise seleccionada e uma categorização definida, surge a necessidade de definir claramente as categorias presentes na análise de conteúdo, são elas:

- Categoria A – Organização
- Categoria B – Recrutamento dos talentos
- Categoria C – Metodologia utilizada
- Categoria D – Obtenção de resultados: Formação/ Seniores.

A categoria A – Organização, tem como principal objectivo perceber a estrutura de cada Federação do ponto de vista da organização das diferentes selecções, bem como os principais objectivos de cada Federação. A categoria B – recrutamento de talentos, permite comparar a estratégia de cada Federação para a captação de novos atletas. A categoria C – metodologia utilizada possibilita a comparação das metodologias utilizadas pelas Federações: (i) trabalho técnico-táctico; (ii) Trabalho aeróbio e trabalho de força; (iii) organização do trabalho); (iv) carga horária e (vi) testes físicos. Por fim surge a categoria D – obtenção de resultados onde se procura encontrar semelhanças/diferenças entre a formação dos atletas e a obtenção de resultados a curto e a longo prazo.

3.3.3 Entrevista semi-estruturada

A entrevista, de acordo com Denzin e Lincoln (2000), é uma das formas mais eficazes de tentativa de compreender o ser humano. O objectivo fundamental é perceber a opinião dos entrevistados acerca do assunto que está a ser investigado (Lessard-Hébert, Goyette & Boutin, 2005). Estes mesmos autores, referem ainda que o método da entrevista é um processo que

permite ao investigador referenciar e classificar os problemas e os estados emocionais das pessoas. Assim sendo, podemos alcançar o que não é percebido, uma vez que, segundo Pais (2003), a função de entrevista é chegar ao “não visto”.

Segundo Grawits (2001), existem quatro formas de recolha de dados qualitativos com recurso a entrevistas: (i) entrevista de conversa formal; (ii) modelo de entrevista aberta; (iii) entrevista fechada ou resposta fixa; (iv) entrevista semi-estruturada.

Para este estudo, dos vários tipos de entrevistas possíveis, decidiu-se recorrer à entrevista semi-estruturada ou semi-directiva, dado que, segundo Quivy e Campenhoudt (2008), é a mais utilizada na investigação em ciências sociais. Os mesmos autores referem que, este tipo de entrevista caracteriza-se por ser relativamente aberta, sendo o investigador que define um conjunto de questões que constituem o guião da entrevista, sem que seja obrigatório colocar as questões pela ordem do guião, até porque o entrevistador deve intervir sempre que necessário, com o intuito de reconduzir a entrevista para o objectivo. Na mesma ordem de ideias, Vala (1986) afirma que, nas entrevistas semi-estruturadas, o entrevistador não está limitado pelas perguntas anteriormente estabelecidas, sendo possível incluir outras, em função das respostas dadas pelos entrevistados e de acordo com os objectivos em causa.

Para Quivy e Campenhoudt (2008), as principais vantagens das entrevistas residem na associação entre o grau de profundidade dos elementos de análise recolhidos e a flexibilidade de utilização, assim como na possibilidade de recolher testemunhos e interpretações dos interlocutores, respeitando a linguagem e as categorias mentais. Os mesmos autores, referem ainda que, em especial nas entrevistas semi-estruturadas, os inquiridos são levados frequentemente a exprimirem-se pela primeira vez sobre o assunto e terão portanto de reflectir e de encontrar as palavras adequadas para expressar o seu ponto de vista. Assim sendo, a comunicação resultante da entrevista passa a ser vista, não como um simples dado, mas como um processo de elaboração do pensamento.

Apesar das vantagens referidas anteriormente, as entrevistas também têm desvantagens, entre as quais, o facto de os dados recolhidos se

resumirem a enunciados verbais ou discursos, isto é, pode existir uma discrepância entre aquilo que os indivíduos dizem e aquilo que realmente fazem (Poirier, Clapier-Valladon & Raybaut, 1999).

Os dados provenientes das entrevistas devem ser registados por escrito (ou transcritos, no caso de ter havido gravação áudio) e reduzidos (codificados, formatados), para de seguida serem tratados (Lessard-Hébert, Goyette & Boutin, 2005).

3.3.3.1 Construção e realização da entrevista

Neste estudo, para se perceber a perspectiva da FAP relativamente à DSTD foi necessário recorrer a uma entrevista com o Coordenador Técnico Nacional (DTN), uma vez que ao contrário das outras Federações analisadas, não existe nenhum documento onde constem as orientações para a formação e desenvolvimento de talentos. Foi elaborado um guião de entrevista semi-estruturada, tendo em conta o quadro teórico que foi sendo construído após a análise da FFA e da FDA. Antes da aplicação da entrevista, procedemos à realização de um entrevista piloto, de forma a perceber até que ponto o guião da mesma ia de encontro à recolha de dados que procuramos obter. Após este processo, procedemos aos ajustamentos nas questões e na forma de intervenção.

A entrevista foi marcada por correio electrónico com o CTN, para o dia 1 de Outubro de 2009, na sede da FAP, em Lisboa. A duração da entrevista foi de aproximadamente 45 minutos. A gravação da entrevista foi essencial para posteriormente se proceder à transcrição, pois tal como referem Ghiglione e Matalon (1997) e Quivy e Campenhoudt (2008) permite uma recolha integral dos discursos incluindo hesitações e pausas.

3.4 Análise Crítica

Este estudo provocou desde cedo algumas dificuldades na sua elaboração. A dificuldade em encontrar os modelos aplicados por distintas Federações Europeias de Andebol fez com que se tivesse de encontrar um

caminho ligeiramente diferente do traçado inicialmente. Assim sendo, o modelo francês foi descrito por dois colegas da faculdade que estiveram em Bordéus e passaram para o papel o modelo aplicado pelos franceses. Trabalho este muito bem organizado e que permitiu perceber a captação e o desenvolvimento dos seus talentos. No entanto sabe-se que o modelo francês é descrito por dois alunos que observaram o trabalho francês por um período de tempo determinado e que pode ter influenciado as suas perspectivas sobre o tema.

O modelo dinamarquês foi incluído neste trabalho assim que se descobriu que este estava disponível no site da sua Federação. O documento em questão encontrava-se em dinamarquês e houve a necessidade de o traduzir para português. Esta opção verificou-se muito morosa e complicada e pode ter influenciado a percepção da informação do documento com uma possível má interpretação na tradução.

Quando foi solicitado à FAP um documento que descrevesse o seu modelo de detecção de talentos verificou-se que tal não existia. Assim optou-se por outro plano, convidando o CTN para uma entrevista onde fosse possível compreender as estratégias utilizadas pela FAP. O facto da entrevista realizada ter sido aberta pode ter dado azo à omissão de temas que mais tarde poderiam ser pertinentes para o estudo.

De uma forma geral, e perante as dificuldades encontradas ao longo do trabalho, poderá existir informação que pode não ter sido expressa e que depois seja aplicada na prática.

4. Modelos de Detecção de Talentos.

4. Modelos de Detecção de Talentos. Diferentes Perspectivas.

Ao longo deste Capítulo será descrito os três modelos de Detecção Talentos das Federações Europeias de Andebol. São elas a Federação Francesa; a Federação Dinamarquesa e a Federação Portuguesa.

Irá incidir-se na nossa análise de aspectos como a detecção de talentos, o desenvolvimento dos talentos e a organização das distintas selecções nacionais e os resultados obtidos nos processos.

4.1. Modelo Francês

O modelo Francês está muito bem cotado nos parâmetros internacionais devido aos excelentes valores individuais que estes conseguiram “produzir” ao longo dos últimos anos. Para além dos excelentes resultados obtidos nas suas selecções seniores, possuem um conjunto de atletas a competir nos melhores clubes do Mundo.

4.1.1 Organização da escola Francesa

I) Pólos de Andebol

O Ministério da Juventude e dos Desportos, a Federação Francesa de Andebol, em parceria com o Ministério da Educação Nacional instaurou uma rede nacional de estruturas de treinos encarregadas de detectar e preparar os potenciais melhores atletas à prática do alto rendimento.

Estas estruturas, que tomaram a retransmissão do antigo desporto-estudo, são chamadas Pólos.

A Federação Francesa de Andebol (FFA), em função da sua política de alto nível, escolheu diversas implantações regionais. Estas delegações regionais, implantadas nas ligas (semelhantes às associações regionais portuguesas), beneficiam de uma aprovação do ministério. Este rótulo é regularmente supervisionado através de avaliações ministeriais e federais que podem conduzir à retirada do rótulo ministerial à instituição.

Esta rede responsável da fase final da detecção fazem entrar nos pólos os jogadores regionais (entre 14 e 15 anos para os mais jovens) que apresentam um sério potencial perante uma futura prática de alto nível (selecções nacionais francesas ou clubes de primeira ou segunda divisão).

O Pólo assegura uma formação completa tanto a nível escolar como ao nível desportivo (Andebol). Ao fim deste percurso (18 ou 19 anos), os jogadores são orientados para formações universitárias ou profissionais.

A nível desportivo, o pólo é responsável pela formação física e específica na área do Andebol, bem como pela cultura e pelo treino que vão permitir ao jogador a melhor forma de gestão possível da sua carreira futura.

A principal missão dos pólos é por conseguinte encontrar e formar jogadores de alto nível, autónomos e capazes de decidir e criar a sua carreira universitária e/ou profissional.

4.1.2 Pólo Federal de Treino

Um Pólo Federal de Treino deve possuir todas as características requeridas pelo Ministério da Juventude e dos Desportos e pela Federação Francesa de Andebol. Deve abarcar uma equipa de técnicos especializados na formação e acompanhamento de jovens e conter um grupo de 14 a 18 atletas com as seguintes características:

- Pelo menos 3 atletas de elevada estatura (femininos $\geq 1,78\text{m}$; masculinos $\geq 1,90\text{m}$);
- Pelo menos 3 atletas que rematem com o braço esquerdo;
- Um ou mais guarda-redes de elevada estatura (femininos $\geq 1,75\text{m}$; masculinos $\geq 1,85\text{m}$).

Deve também possuir um treino de alto nível baseado numa motricidade geral e específica de qualidade, num trabalho físico personalizado, no controlo de jogo em dois postos específicos, no controlo de todas as componentes do trabalho da força, na capacidade de trabalhar em grupo, num trabalho teórico de qualidade, em sessões com poucos jogadores e realmente personalizadas.

Assim, como todos os jogadores não são iguais e de acordo com a idade cronológica, o pólo deverá propor programas específicos para os atletas mais altos com grande potencial, mas ainda sem o desenvolvimento total da

maturidade biológica. Também o deve realizar para os guarda-redes que tradicionalmente são excluídos das organizações de trabalho. Deverá propor uma formação teórica, pois é um apoio indispensável às realizações práticas, e apresentar uma formação escolar e profissional adaptada, apoiada por um acompanhamento meticoloso.

Relativamente aos meios dos pólos é possível distingui-los em administrativos e estruturais.

Do ponto de vista administrativo, o Ministério permitiu a criação de 20 pólos femininos e de 22 pólos Esperança masculinos, sob proposta da Federação Francesa de Andebol.

Ao nível escolar, os pólos são implantados num estabelecimento escolar principal que pode ser sob convenção com um ou vários estabelecimentos escolares parceiros.

Ao nível do alojamento, o pólo pode ser implementado quer num estabelecimento escolar, quer num Centro Regional de Treino e Educação (CREPS), quer noutra estabelecimento do Ministério da Juventude e dos Desportos.

Para cada pólo, o Ministério da Juventude e dos Desportos ajuda na instauração de um acompanhamento médico enquanto o Ministério da Educação Nacional, por meio da reitoria participa na instauração de cursos de apoio e correcção.

O Ministério e a Federação classificam os jogadores em formação (conforme Quadro 5) sobre listas nacionais de alto nível em função do seu lugar na hierarquia mundial:

Época 2008/2009:
França Júnior para as raparigas nascidas em 1990/1991
França Júnior para os rapazes nascidos em 1988/1989
França Jovem para as raparigas nascidas em 1992/1993
França Jovem para os rapazes nascidos em 1990/1993

Quadro 5: Escalões de idades para cada uma das selecções

Do ponto de vista estrutural, os pólos, quer sejam implantados num CREPS ou num estabelecimento escolar oferecem o mesmo tipo de prestação.

A nível escolar esta instituição oferece uma escolaridade idêntica aos outros alunos, com possibilidade de cursos de apoio e de correcção. Possibilita também um acompanhamento muito preciso dos estudos com a presença de um responsável em todas as reuniões com os professores bem como nos diferentes conselhos de classe e de orientação. Na maior parte dos pólos, os internos dispõem de um supervisor directamente unido aos jogadores da estrutura em causa.

Do ponto de vista desportivo, os pólos promovem aos seus atletas uma carga horária de treino semanal compreendida entre 12h a 17h por semana (treinos em clube e jogo de campeonato compreendido) com um horário arranjado. Permite também o acesso facilitado a um ambiente de qualidade: pista de atletismo, sala de musculação, ginásio, etc.

4.1.3 Regras para a instalação dos Pólos Federativos

De seguida é apresentado um conjunto de medidas, impostas pela FFA, que todas as Regiões têm de respeitar se quiserem ter ou manter um Pólo de Andebol na sua zona.

Estas medidas são consideradas como pré-requisitos mínimos, pela FFA, para a existência de um Pólo de Andebol de alto nível.

Essas medidas são:

- **Nível da Região:** Possuir uma equipa na 1ª ou na 2ª divisão.
- **Enquadramento:** um especialista na formação dos jovens em prática intensiva e/ou um coordenador na estrutura de acolhimento.
- **Recrutamento:** entre 15 e 18 jogadores no máximo. Potencial para as selecções nacionais "jovens", selecção regional ou departamental.
- **Volume de Trabalho:** de 10 a 12 horas, fora de competição, por semana. Volume de trabalho deve conter 38 a 42 semanas efectivas por época desportiva.

- **Aspecto Desportivo:** Treino entre 12 até 19 horas. Um terço do tempo total da época deve ser utilizado em preparação física. Para cada treino colectivo devem ser realizados 3 treinos com efectivo reduzido (4 a 6 atletas). O trabalho deve ser personalizado, procurando desenvolver a motricidade específica e a evolução no jogo no seu posto específico.
- **Instalações:** um ginásio 40x20 com solo adaptado e acessibilidade fácil. Uma sala de musculação específica. Uma pista de atletismo.
- **Aspecto Escolar:** Acompanhamento real para obter um emprego no futuro. Os horários devem ser aceitáveis e proporcionar as manhãs livres. O percurso do atleta será adaptado nomeadamente ao estudo durante a noite. Terá que existir facilidade de obtenção e instauração dos cursos de apoio e de correcção. O acompanhamento tem que ser rigoroso pelo responsável.
- **Lugares Sociais:** Devem ser próximos dos lugares de treinos.
- **Aspecto Médico:** É obrigatória a visita de pré-recrutamento seguindo os critérios federais. Os médicos terão que estar presentes nos treinos por motivos de prevenção e são também responsáveis por reabilitar os atletas em caso de lesão.
- **Aspecto Relacional:** Os pólos devem manter contactos com todos os agentes do ambiente escolar, os actores do ambiente desportivo, com os pais, com o treinador nacional dos pólos. Têm que ser precisos no acompanhamento estatístico dos jogadores até à Universidade.
- **Orçamento:** Adaptado ao funcionamento (Federação Francesa de Andebol – Liga – Direcção Regional da Juventude e Desporto), e às ajudas personalizadas (Autarquias).
- **Avaliação e Indicação dos jogadores:** Devem fornecer jogadores para o 1ª ou 2ª divisão e para as selecções nacionais.

4.1.4 Descrição de um dos Pólos – Pólo de Andebol no CREPS d’Aquitaine

I) Recursos do Pólo de Andebol de Talence

A equipa técnica é constituída por dois técnicos e um treinador específico de guarda-redes.

A equipa técnica tem ao seu dispor dois pavilhões com boas condições para a prática de desportos colectivos; uma sala de Musculação, o centro médico e de avaliação do CREPS de Talence, um escritório para os responsáveis da equipa técnica e todo o espaço exterior deste CREPS (pista de Atletismo, relvado de Rugby, etc.)

II) Horário dos Treinos

A equipa técnica elaborou um esboço do horário dos treinos, para assentar a ocupação dos ginásios ao longo da época. Isto não representa que o planeamento fosse mesmo este. Por exemplo, terça-feira de manhã o pólo de andebol tem à sua disposição a sala de musculação podendo utilizá-la ou não. Nos Quadros 6 e 7 encontram-se projectados os horários previstos para as equipas masculinas e femininas.

	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
Manha	11h/12h Sauna, recuperação muscular	10h/12h Musculação ou Pista		10h/12h Musculação ou Pista	11h/12h
Inicio da tarde	12h/14h Pólo France Musculação	12h/14h Pólo France	12h/14h Pólo France Musculação	12h/14h Pólo France	12h/14h Pólo France
Tarde	17h/18h Recuperação	16h/18h	14h00/16h00	16h/18h Kastler	14h/16h

			16h/17h00 (Guarda-redes)		
Noite	19h/21h		19h/21h		

Quadro 6 - Horário semanal do Pólo Feminino de Talence

	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
Manha	11h45/12h30 Sauna, recuperação muscular	10h/12h Musculação + Pista		10h/12h Musculação + Pista	11h/12h
Início da tarde	12h/14h Pólo France	12h/14h Pólo France + Musculação	12h/14h Pólo France	12h/14h Pólo de France +musculação	12h/14h Pólo France
Tarde	17h/19h Pavilhão + Recuperação	16h/18h	16h00/18h00 16h/17h30 (Guarda-redes)		14h/16h
Noite				19h00/21h30	

Quadro 7 - Horário semanal do Pólo Masculino de Talence

4.1.5 Trabalho de preparação física desenvolvido no pólo

I) Trabalho Aeróbio

De seguida apresentam-se as formas de trabalho aeróbio desenvolvidas neste pólo.

O trabalho aeróbio é realizado em três âmbitos: em terreno variado, em pista ou no pavilhão.

Assim sendo, no trabalho em terreno variado, é aplicado aos atletas duas formas de trabalho da potência aeróbia. Aplica-se treino com potência aeróbia moderada a 75% - 80% da velocidade máxima aeróbia (VMA) cuja corrida de recuperação é efectuada a velocidade constante. Também se aplica treino de potência aeróbia moderada a 90% do VMA cujo trabalho pode ser desenvolvido por sequências de 3 a 5 minutos, repetido 4 a 6 vezes ou trabalho em circuito (1200m por exemplo), onde se realizam 5 repetições de 1200m a 90% do VMA e se recupera 5 minutos entre as repetições.

No trabalho em pista, a equipa técnica opta pelo treino com potência aeróbia moderada a 90% da VMA conforme os Quadros 8 e 9.

Tempo de trabalho	Distância	Intensidade	Repetições	Recuperação
2'30" a 5'	800m a 1500m	90% VMA	4 a 6	2' a 8'

Quadro 8 – Metodologia de Trabalho aeróbio

Exemplo :

	Distância	Séries	Intensidade	Recuperação
1º Treino	800 m	6	90% VMA	3'
2º Treino	1000 m	5	90% VMA	3'
3º Treino	3'30"*	6	90% VMA	3' a 4'

Quadro 9 – Exemplos de exercícios de trabalho aeróbio

A FFA utiliza também o trabalho de potência máxima aeróbia (PMA) a 100% - 105% da VMA conforme demonstra o quadro 10.

Tempo de trabalho	Distâncias	Intensidade	Séries	Repetições
30"	155m a 165m	100% a 105% VMA	2 a 3	6 a 10

Quadro 10 – Metodologia do trabalho aeróbio

Sendo assim, a planificação anual do trabalho aeróbio de um atleta do Pólo é definido conforme o quadro 11.

Fase	Período	Duração	Características	Volume de treinos	Objectivos	Lugar aconselhado
1º Fase: <i>Preparação da Época</i>	3ª Semana de Maio à 1ª semana de Julho	8 Semanas	Grande volume de trabalho no Pólo e pouco no Clube	4 Treinos por semana	Trabalho da PA (desenvolvimento das capacidades físicas). Desenvolvimento da PMA	Em pavilhão e em pista
2º Fase: <i>Férias de Verão</i>	2ª Semana de Julho à 1ª semana de Agosto (inclusive)	4 Semanas	Nenhuma	Não definido	Manter as capacidades físicas com exercícios escolhidos pelos atletas	Não determinado, mas em locais de ar puro
3º Fase: <i>Preparação para a competição</i>	2ª Semana de Agosto à 2ª semana de Setembro (inclusive)	4 Semanas	Grande volume de trabalho ao nível do Pólo e pouco ao nível do Clube	4 a 5 por semana	Trabalho da PA (similar ao trabalho de preparação de época). Desenvolvimento da PMA	Terreno variado
4º Fase: <i>1º Fase de Competição</i>	3ª Semana de Setembro à 3ª semana de Dezembro (inclusive)	14 Semanas, em 2 períodos separados por 1 semana sem competição	Volume de trabalho equilibrado entre Pólo e Clube	2 a 3 por semana	Manutenção da PMA	No Pavilhão e em Pista

5º Fase: <i>Férias de Natal</i>	3ª e 4ª semanas de Dezembro	2 Semanas sem competição	Nenhuma	Nenhum	Recuperação	Não definido
6º Fase: <i>2º Fase de Competição</i>	1ª semana de Janeiro à 3ª semana de Março (inclusive)	13 Semanas em 2 períodos, separados por 1 semana de férias sem competição	Grande volume de trabalho ao nível do Clube e pouco ao nível do Pólo (devido às férias de Inverno)	2 por semana	Trabalho ao nível da PMA	Pavilhão
7º Fase: <i>Férias da Primavera</i>	2ª e 3ª Semanas de Abril	2 Semanas	Grande volume de trabalho ao nível do Clube e nenhum ao nível do Pólo	2 vezes por semana	Manutenção da PMA	Pavilhão
8º Fase: <i>Última Fase de Competição</i>	4ª Semana de Abril à 2ª semana de Maio (inclusive)	3 Semanas	Grande volume de trabalho ao nível do Clube e do Pólo, com prioridade para o Clube	1 vez por semana	Trabalho ao nível da PMA	Pavilhão

Quadro 11 - Planificação anual do trabalho aeróbio

II) Trabalho de Musculação e Reforço Muscular

No Pólo, os jogadores realizam 2 sessões por semana de 1h30 para manter os índices de força.

No quadro 12 pode-se analisar a planificação do trabalho de musculação de um atleta do Pólo.

Fase	Período	Duração	Características	Volume de treinos	Objectivos	Lugar aconselhado
1º Fase: <i>Preparação da Época</i>	3ª semana de Maio à 1ª semana de Julho	8 semanas	Nenhuma	4 treinos por semana	Treino da Força	Sala de Musculação
2º Fase: <i>Férias de Verão</i>	2ª semana de Julho à 1ª semana de Agosto (inclusive)	4 semanas	Nenhuma	Não definido	Programa de Reforço Muscular (contração muscular sem carga)	A determinar segundo as possibilidades individuais
3º Fase: <i>Preparação para a competição</i>	2ª semana de Agosto à 2ª semana de Setembro (inclusive)	4 semanas	Grande volume de trabalho ao nível do Pólo e pouco ao nível do Clube	3 vezes por semana	Programa de Reforço Muscular (contração muscular sem carga)	Sala de Musculação
4º Fase: <i>1º Fase de Competição</i>	3ª semana de Setembro à 3ª semana de Dezembro (inclusive)	14 semanas, em 2 períodos separados por 1 semana sem competição	Volume de trabalho equilibrado entre Pólo e Clube	3 vezes por semana	Manutenção dos índices de força	Sala de Musculação e Ginásio
5º Fase: <i>Férias de Natal</i>	3ª e 4ª semanas de Dezembro	2 semanas sem competição	Nenhuma	Nenhum	Recuperação dos jogadores	Não definido

6º Fase: <i>2º Fase de Competição</i>	1ª semana de Janeiro à 3ª semana de Março (inclusive)	13 semanas em 2 períodos, separados por 1 semana de férias sem competição	Grande volume de trabalho ao nível do Clube e pouco ao nível do Pólo, devido às férias de Inverno	3 vezes por semana	Manutenção dos índices de força	Sala de Musculação e Ginásio
7º Fase: <i>Férias da Primavera</i>	2ª e 3ª semanas de Abril	2 semanas	Grande volume de trabalho ao nível do Clube e nenhum ao nível do Pólo	3 vezes por semana	Reforço muscular (individual) sem cargas	A determinar segundo as possibilidades individuais
8º Fase: <i>Última Fase de Competição</i>	4ª semana de Abril à 2ª semana de Maio (inclusive)	3 semanas	Volume de trabalho equilibrado entre Pólo e Clube	2 vezes por semana	Treino da Velocidade	Ginásio

Quadro 12 - Planificação do trabalho de musculação

4.1.6 Organização de Trabalho

Os modelos de treino utilizados variavam conforme os objectivos pretendidos pelo treinador, basicamente existem 5 modelos relativamente estandardizados, que foram definidos pelos responsáveis nacionais dos CREPS:

- **Treino essencialmente Físico:**

Treino que visa exercícios para o desenvolvimento cárdio-pulmonar ou o desenvolvimento muscular. O número de atletas para este tipo de treino depende das condições materiais e a sua organização deve ser efectuada por grupos homogéneos. O controlo do treino é realizado através do acompanhamento durante a realização dos exercícios para treinar com

qualidade. Como exemplo deste tipo de treino temos o treino de musculação ou o desenvolvimento da PMA em pista.

- **Treino Físico-Técnico:**

Treino do tipo misto, com exercícios que exigem não só uma grande componente física, mas também técnica. O número de atletas para este tipo de treino deve conter 8 a 10 atletas e a sua organização deve ser efectuada em pequenos grupos permitindo uma grande quantidade de exercícios. O controlo do treino é efectuado pelos próprios atletas sob controlo geral do treinador. Como exemplo deste tipo de treino observa-se um treino com uma certa quantidade de remates em suspensão com diversos tipos de características.

- **Treino do posto específico:**

Treino orientado para o conhecimento teórico e prático de um posto específico. Este tipo de treino deve sempre conter alguns atletas a treinar em posições que normalmente não estão habituados. O número de atletas para este tipo de treino deve conter 2 a 4 especialistas num posto específico, mais 4 em postos não habituais e a sua organização, por exemplo, para um treino do *pivot* será: 1 GR+ 4 laterais (2 esquerdos e 2 direitos) + 1 *pivot* + 2 extremos. O controlo do treino é efectuado pelos colegas sob controlo geral do treinador.

- **Treino essencialmente ao nível relacional:**

Treino orientados para as relações inter-individuais em todas as acções do jogo. O número de atletas para este tipo de treino deve conter 3 a 4 jogadores para treinarem a comunicação mais 6 a 8 atletas e ainda 1 guarda-redes e a sua organização será, por exemplo, um grupo que está a trabalhar o tema proposto enquanto o outro está a ajudar nesse trabalho. O controlo do treino é efectuado através de indicações temporais e espaciais para os atletas que estão a trabalhar a comunicação embora o controlo geral seja realizado pelo treinador. Como exemplo deste tipo de treino temos um treino com trabalho dos defensores centrais em mini jogo de 3 contra 3.

- **Treino de desenvolvimento do Colectivo:**

Treino orientado para a integração de uma série de conceitos por parte de todos os jogadores da equipa. O número de atletas para este tipo de treino deve conter 14 atletas e a sua organização será de duas equipas, uma conta a outra. O controlo do treino é efectuado somente pelo treinador. Como exemplo

deste tipo de treino temos um treino com ataque 6 contra 6, onde uma equipa possui a bola enquanto a outra defende.

4.1.7 Processo de Detecção de Talentos

A linha da renovação das elites suporta-se sobre uma rede instaurada pelos quadros técnicos de estado. Esta renovação sustenta-se nas competições federais, regionais e departamentais e nos agrupamentos para os atletas com os maiores potenciais, como os pólos federais de treino, os centros de formação dos clubes e as equipas nacionais jovens.

O sucesso desta linha depende do investimento em conjunto de todos os intervenientes e a tomada de consciência da diferença que existe entre uma competição cujo objectivo não é o resultado bruto (ser campeão), ou seja a curto termo, e uma competição instaurada para facilitar o acesso dos potenciais e melhores atletas ao mais elevado ao nível (meio e o longo prazo).

A linha de renovação tem por objectivo essencial encontrar os jogadores que serão chamados amanhã, de forma a assegurar o melhor nível possível de andebol, mantendo o nível actual de desempenho e perpetuando os resultados das Equipas da França.

Cada etapa deste percurso será detalhada, identificado sempre qual é o objectivo prioritário a alcançar, qual a idade e o perfil dos participantes, quem são os intervenientes e os meios envolvidos.

Na base da detecção de talentos o objectivo prioritário é “procurar”. Relativamente à idade e perfil dos atletas nesta etapa, procuram-se jogadores com 12, 13, 14 e 15 anos, federados ou não. Estes devem possuir um perfil com qualidades que lhes permitam sucesso no desempenho das tarefas. É necessário distinguir os potenciais caracterizados pela sua morfologia e os melhores jogadores caracterizados pelas suas competências no andebol. As relações que unem estes dois tipos de potenciais são os aspectos mentais, motivacionais e ambientais, sem os quais nada é possível ao mais elevado nível. Os quadros técnicos do estado são os principais intervenientes nesta etapa. Apoiam-se sobre os quadros técnicos federais, os instrutores diplomados e sobre todos os voluntários que evoluem nestas fracções de

idades. Devem fornecer aos intervenientes da rede, os conteúdos e um acompanhamento adequado e permitir realmente uma formação básica. Quanto à avaliação, os resultados individuais obtidos nas diferentes competições deveriam fornecer uma imagem bastante precisa das potencialidades de cada elemento detectado e formado. Para ser eficaz, esta avaliação deve ser compreendida, construído por todos (ser construído a partir de uma base conhecida por todos) e entre os diferentes actores.

I) Os estágios de avaliação

Para obter uma coerência na linha de renovação das elites, é necessário intensificar a detecção, a fidelização e a formação de jogadores.

Os quadros regionais têm toda a autoridade para instaurar acções que tornarão eficiente esta detecção (estágio, agrupamento, critérios do jovem andebolista).

O conjunto das medidas preparadas deverá permitir aos responsáveis informar a direcção técnica nacional sobre:

- o potencial morfológico;
- o nível físico (força, velocidade, potência);
- motricidade geral e específico;
- o potencial de jogo;
- as aptidões mentais ao desempenho;
- as características de mudança do jogador face a novas etapas.

a) Detecção Meia-Zona (1995 – 14 anos)

O objectivo principal é encontrar novos talentos.

Com ajuda dos quadros técnicos responsáveis das zonas, a Direcção Técnica Nacional (DTN) instaurará 8 estágios de meia-zona que serão o resultado da fase de detecção para este ano de idade.

As Equipas Técnicas Regionais (ETR) e as Equipas Técnicas Departamentais (ETD) estão no coração deste dispositivo. São os motores principais. O Coordenador Técnico responsável da zona coordena todas as

iniciativas e organiza os estágios de meia-zona. A partir do caderno de encargos e os conteúdos fornecidos pelo Director Técnico Nacional (DTN), informam os quadros técnicos implicados na detecção e encarregados da animação prática sobre o terreno.

As comissões de zona e o colóquio anual dos CTS são momentos privilegiados para harmonizar estes tipos de acção.

Esta detecção é realizada em Abril. É necessário utilizar os 3 dias para permitir uma adaptação óptima dos jogadores.

Sendo assim, o efectivo para este estágio será de 16 a 18 jogadores por zona. Ao nível técnico existe 1 responsável de estágio, 1 assistente e 1 monitor.

b) Detecção de Zona (1994 – 15 anos)

O objectivo primordial é seleccionar os talentos.

Os atletas escolhidos para esta fase foram escolhidos porque apresentam características que permitem pensar que integrarão com sucesso a fileira do mais elevado nível. Uma primeira categoria possui uma motricidade específica refinada, um saber-fazer evoluído, conhecimentos tácticos e uma capacidade mental de elevado nível. Uma segunda categoria possui uma morfologia interessante (grandes, sem problemas de motricidade), uma capacidade mental de elevado nível.

Esta detecção pressupõe um estágio anual de 6 dias efectivos que tem em conta as férias escolares (durante as férias Verão). Os objectivos do estágio visam essencialmente as abordagens precisas dos fundamentos individuais (motricidade), fundamentos do posto específico e das relações simples entre postos. Não compreenderá trabalho de preparação física.

O efectivo deste estágio é composto por 24 atletas (12 rapazes e 12 raparigas), e por 1 responsável de estágio, 2 assistentes e 2 monitores.

Os responsáveis da zona têm por tarefas escolher os jogadores que participarão no estágio; verificar, em relação aos testes já efectuados o seu potencial físico; avaliar o seu nível de jogo; estabelecer uma classificação sem

estar a ter em conta os postos; fazer chegar a sua avaliação ao DTN; informar os colegas que participaram na detecção.

A avaliação destes atletas pode permitir a entrada no pólo e uma presença no estágio nacional.

A França é dividida em 4 zonas, originando os estágios de zona:

- I. Noroeste,
- II. Nordeste,
- III. Sudoeste,
- IV. Sudeste.

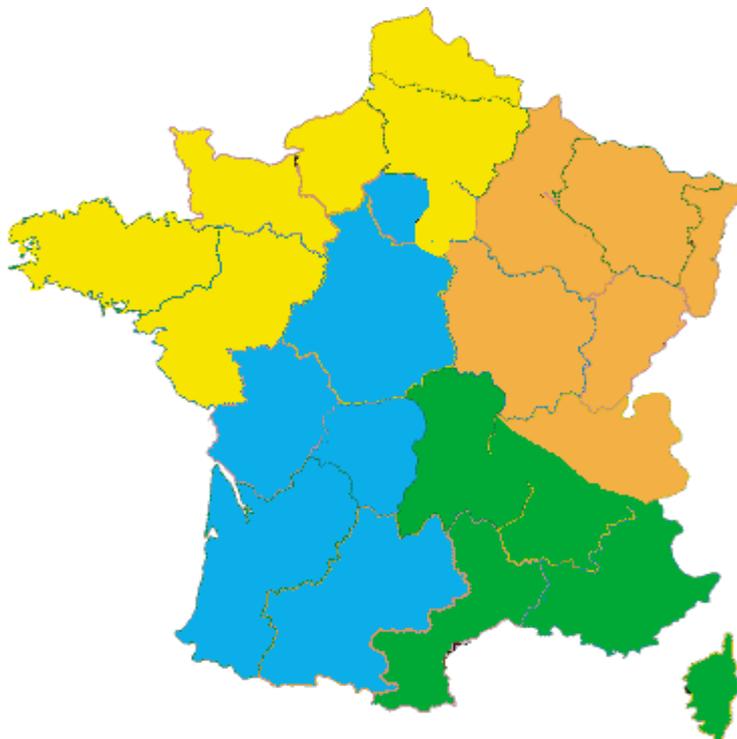


Figura 2 – Áreas onde ocorrem os estágios de zona

Por sua vez, estas 4 zonas dividem-se em 2 meias-zonas, originando o estágio de meia-zona (exemplo: Zona Sudoeste → Meia-Zona A: Centre / Paris-Ile de France Ouest / Poitou; Meia-Zona B: Aquitaine / Limousin / Midi-Pyrénées).

c) Estágio Nacional (1994 – 15 anos)

O objectivo deste estágio é orientar os novos valores detectados.

Os jogadores seleccionados foram escolhidos no momento do circuito de detecção que termina com os estágios de meia-zonas e zona.

Quanto aos intervenientes, o enquadramento é assegurado pelo treinador nacional responsável das equipas jovens assistido pelos responsáveis das zonas e os responsáveis dos pólos. Este é o momento privilegiado para ter uma ideia geral médica dos atletas, através da participação do médico responsável das equipas da França.

Os meios são idênticos aos da zona, mas com uma competição interna ao estágio. Os estágios femininos e masculinos são fixados ao mês de Julho.

O efectivo deste estágio pode ser observado no Quadro 13, abaixo indicado.

Raparigas	Rapazes
Efectivos: 45 jogadoras em 3 grupos	Efectivos: 32 jogadores em 2 grupos
Equipas técnica: <ul style="list-style-type: none">• Responsável DTN,• 6 quadros técnicos,• 3 monitores,• 1 médico, 2 fisioterapeutas,• 1 informático.	Equipas técnica: <ul style="list-style-type: none">• Responsável DTN,• 6 quadros técnicos,• 3 monitores,• 1 médico, 2 fisioterapeutas,• 1 informático.

Quadro 13 – Recursos humanos para o Estágio Nacional

A avaliação é da mesma natureza que os estágios de zonas e deve conduzir à entrada dos melhores nos pólos federais de treino.

No entanto, como os pólos não podem possuir efectivos “problemáticos”, a avaliação deve ser mais específica possível tendo em conta:

- o potencial desportivo do jogador;
- a sua ambição e o seu investimento;
- a sua capacidade de suportar um volume de trabalho forte a nível médico, desportivo e escolar;

- a sua capacidade de suportar os constrangimentos da vida em colectividade.

Todos os estágios de avaliação contribuem para a instauração de um processo de acompanhamento dos jogadores e jogadoras. Este processo deve conter: o percurso de detecção; o *curriculum* do jogador; a evolução da morfologia; a evolução das qualidades físicas básicas (aeróbio, potência, força etc.); a apreciação qualitativa; a evolução desportiva no clube (nível de competição); a evolução sócio profissional: estudos, motivação, ambiente.

Este processo é instaurado a partir do estágio nacional e é seguido ao longo de todos os anos de formação, quer o atleta entre no pólo ou não. A apreensão dos dados faz-se directamente pelos quadros do estágio, os responsáveis das equipas nacionais jovens e de juniores, pelos responsáveis dos pólos, os coordenadores técnicos regionais (CTR) e os instrutores dos clubes que desejam colaborar neste acompanhamento.

4.1.8 AS COMPETIÇÕES DE AVALIAÇÃO E DE SELECÇÃO

A FFA realiza diferentes competições para as selecções regionais e para os pólos. Estas designam-se por: (i) inter comités; (ii) Interligas e (iii) inter pólos.

O Inter Comités é uma competição que põe em prova várias selecções departamentais. O objectivo desta competição é encontrar novos atletas para integrarem os pólos. Através deste quadro competitivo é possível avaliar 2800 atletas (rapazes e raparigas).

As Interligas põem em prova várias selecções regionais. Têm como principal objectivo comparar a evolução dos atletas que entraram nos pólos e daqueles que não o conseguiram. Serve também para avaliar o trabalho desenvolvido pelos pólos.

O Inter Pólos é uma competição dirigida para todos os pólos franceses. O principal objectivo é seleccionar atletas que possam integrar os quadros das equipas nacionais. Esta competição tem a particularidade de ter um regulamento próprio, onde não é possível efectuar trocas defensivas; é

obrigatório um GR com mais de 1,85m jogar no mínimo uma parte por jogo; ou ser forçosa a presença de um atleta com 1,90m e um atleta canhoto ao longo de todo o jogo.

No Quadro 14 apresenta-se o quadro competitivo destas competições mencionadas:

Acontecimento	Denominação	Datas
Inter comités	1ª volta	20/21 Dezembro 2008
	2ª volta	07/08 Fevereiro 2009
	3ª volta	21-22 Março 2009
	4ª volta	18/19 Abril 2009
	Finais	30-31 Maio n2009
Interligas	1ª volta	1 Novembro 2008
	2ª volta	28 Fevereiro/01 Março 2009
	Finais	16/17 Maio 2009
Inter pólos	1ª volta – Fora	Dezembro 2008
	2ª volta - Casa	Março 2009
	Final Inter zonas	Abril 2009

Quadro 14

4.2. Modelo Dinamarquês

Em 1988, a Federação Dinamarquesa de Andebol (FDA) iniciou um projecto de detecção de talentos designado “Plano 92”. Um projecto que se revelou um sucesso e que muitos têm tentado imitar. Em 1992, tornou-se claro que a FDA pretendia alargar o projecto e transformá-lo em algo permanente.

Desde então, este modelo de desenvolvimento de talentos tem arrecadado medalhas como nenhum outro. Este trabalho levou a FDA a ser considerada, em 2007, como um dos melhores modelos de detecção de talentos da Europa.

O modelo evoluiu devido à evolução do jogo e dos conhecimentos sobre a Educação Física. Devido a esta evolução, o trabalho com os jovens talentos tem-se tornado mais profissionalizado.

4.2.1 Talento na Federação Dinamarquesa de Andebol – “The Danish Way”

O talento dinamarquês é medido pelos resultados alcançados nas fases finais mundiais das equipas jovens nacionais. A verdade é que desde 1995, as jovens selecções conquistaram medalhas em praticamente todas as competições em que participaram.

Muitas são as partes envolvidas no desenvolvimento dos talentos e, por conseguinte cada uma tem a sua quota de mérito na colheita das medalhas. FDA, associações, clubes, treinadores e voluntários são os grandes responsáveis pela formação dos talentos. A comunicação e a cooperação entre estes são de grande importância para que seja possível otimizar os resultados dos talentos.

“The Danish Way” foi concebido essencialmente para produzir o desenvolvimento do talento. A Figura 3 representa o caminho percorrido pelos jovens talentos através do modelo dinamarquês onde, indicado por uma seta larga, está a etapa sobre qual o “The Danish Way” se ocupa em especial.

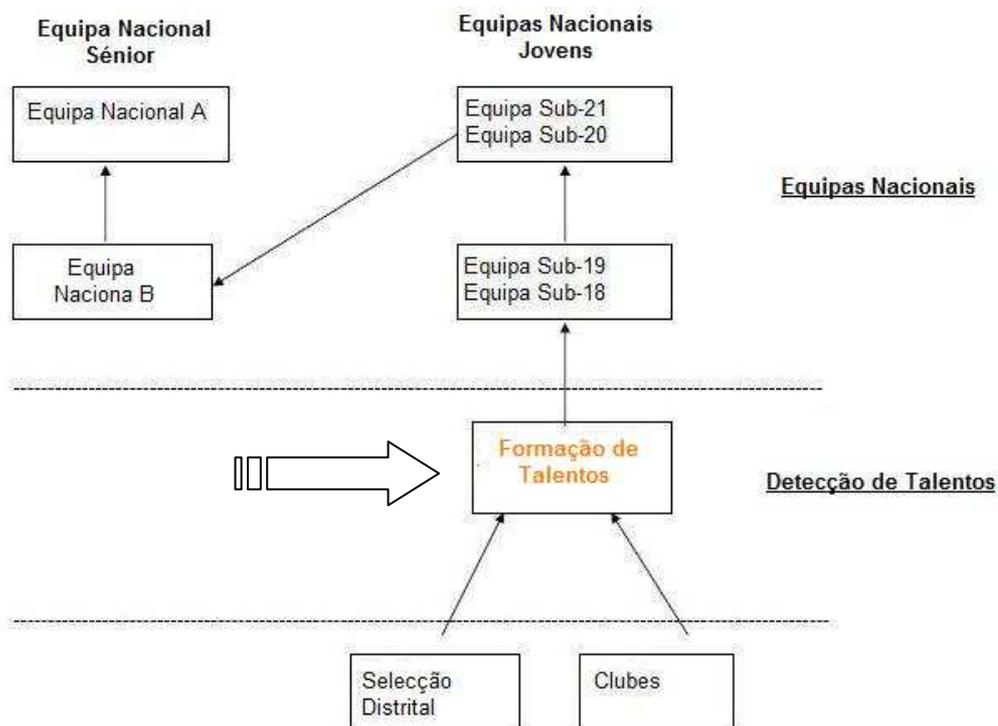


Figura 3 – Percurso dos Talentos nas Seleções

I) Organização

O sistema de formação de talentos da FDA é geograficamente dividido em três núcleos: Leste, Norte e Sul. Como demonstra a Figura 4, cada centro contratou um director responsável por este, um treinador de guarda-redes e dois treinadores.



Figura 4 – Estrutura Técnica de um Centro

Nestes pólos ocorrem seis concentrações por ano para rapazes e raparigas. Os jogadores chegam ao centro à sexta-feira à tarde e partem no dia seguinte também à tarde. Durante a sua estadia realizam 3 treinos: 2 treinos com bola e um treino físico (com a duração de 2 horas). Desta forma, os atletas não faltam às aulas e podem treinar e jogar nos seus clubes de origem. No Quadro 15 descreve-se o programa tipo de um estágio.

Horas	15:30	15:45	18:30	20:00	22:15
Sexta-Feira	Reunião	Formação (Treino)	Jantar	Treino Físico	Refeição Leve
Horas	8:00	9:45	12:30	13:00	
Sábado	Pequeno-almoço	Formação (Treino)	Almoço	Partida	

Quadro 15 – Horário tipo de um estágio

A saúde dos atletas fica ao cuidado do fisioterapeuta de cada centro. Dois treinadores federativos acompanham o trabalho dos centros a tempo inteiro, alternando as visitas entre os três. De outra forma supervisionam o trabalho desenvolvido nos três centros.

4.2.2 Recrutamento de jogadores para a formação de talentos

O sistema de formação de talento da FDA trabalha com as faixas etárias correspondentes a 2 anos de juvenis (14/15 anos) e 1 a 2 anos com jovens com idades entre os 16 e 17 anos. A nível nacional trabalha-se com aproximadamente 90 jogadores dos respectivos escalões, nos três centros. O número total de jogadores pode variar, mas no entanto serão similares nos centros e a nível nacional não será excedido significativamente. O ajustamento contínuo do número de jogadores nos três centros é conduzido em estreita

cooperação pelos três gestores do centro, o funcionário administrativo e o seleccionador nacional sub-18.

Conforme pode ser observado na Figura 3, os jogadores são recrutados através de dois canais. Um dos canais é o conjunto das associações regionais que através de estágios conseguem detectar talentos. Os clubes são o outro canal de detecção, onde os treinadores podem indicar eventuais talentos a FDA. A FDA pode também detectar talentos observando directamente os jogos dos clubes.

I) Recrutamento através das associações

O circuito de formação do distrito federal é destinado à detecção durante 2 anos para jovens talentos e 1 ano destinado à detecção de juniores masculinos. Este sistema de formação procura detectar e desenvolver jovens do escalão etário imediatamente anterior aos desenvolvidos directamente pela FDA. Este circuito de formação funciona como precursor na detecção de novos talentos.

As associações distritais realizam o seu próprio recrutamento e formação dos seus talentos nos distintos escalões etários, de forma descentralizada. O trabalho destas associações culmina com 2 encontros de observação para a FDA, um a leste e outro a oeste do país, onde se desenrola um torneio entre distritos. Através deste torneio são observados atletas com possibilidade de integrar o projecto federativo de desenvolvimento de talentos (núcleos). No entanto, os observadores da FDA são obrigados a visualizar no mínimo 2 encontros das selecções distritais antes destes encontros de forma a poderem consolidar no torneio final a observação dos jovens mais promissores.

II) Recrutamento através dos clubes

Independentemente da quantidade de pessoas envolvidas no processo de recrutamento é difícil identificar os grandes talentos e há o risco de alguns talentos serem ignorados nas etapas anteriormente referidas. Isto deve-se

principalmente ao facto da evolução do talento não ser um processo contínuo e, portanto, alguns jovens poderão não ser detectados pelo circuito de formação dos distritos federais. Estes jovens, que por uma razão ou outra não foram recrutados para os talentos da formação devem posteriormente ser referenciados pelos treinadores dos clubes. Após serem referenciados, os clubes transmitem à federação que existe um indivíduo que estes devem seguir atentamente. A federação, após receber esta informação destaca um dos seus formadores para realizar uma observação detalhada do jogador em questão. Em casos especiais, o observador pode optar pela inclusão do atleta num dos núcleos federativos por um determinado período de tempo.

4.2.3 Curso de formação de talentos

A formação dos treinadores dos núcleos é contínua ao longo do ano onde durante 6 sessões se verificam reciclagens. Além disto, um congresso anual é realizado ao longo de 5 dias. Setenta e cinco jogadores, formadores dos núcleos e os seleccionadores das selecções sub-18 e sub-20 reúnem-se para uma formação intensiva.

Este Congresso pretende reunir todos os agentes que intervêm no desenvolvimento dos talentos. Procura-se assegurar a coordenação dos temas entre os centros de formação. Ao mesmo tempo, deseja-se que os gestores dos diferentes pólos se reúnam para que haja uma comunicação contínua entre ambos. Ambiciona-se que os 2 treinadores federativos consigam ter uma base de análise mais sólida para as suas decisões relativamente a futuros acampamentos anuais.

Paralelamente a este congresso funciona um “campo de férias” onde os 75 talentos escolhidos nos centros continuam a desenvolver as suas potencialidades. Reunir estes atletas, permite aos formadores a visão adequada da massa de talentos do país nos diferentes escalões. O número elevado de atletas permite aos formadores comparar o nível do seu centro com os outros centros e perceber a realidade nacional. Este campo de verão também é o ponto de partida para discussões sobre a continuação ou não de diversos atletas nos núcleos de formação.

O campo de verão permite comparar os atletas sub-18 que pertencem aos quadros da selecção e aqueles que ainda só estão nos núcleos.

Durante o acampamento, 2 dias são destinados a um primeiro curso sobre o circuito de formação de distrito federal. Os conteúdos são principalmente de natureza técnica embora se faça uma revisão e discussão de competências e conhecimentos específicos. Além disso procura-se avaliar a cooperação entre formadores e a FDA no ano anterior e planear o próximo ano.

Esta formação permite uma formação complementar à formação contínua que os formadores têm ao longo do ano. Temas como dieta e nutrição, treino físico e o planeamento da formação são abordados ao longo destes cinco dias.

4.2.4 Ruptura no projecto dos talentos

A participação dos jovens talentos no projecto dos centros tem a duração de dois anos, e termina com a participação dos campos de Verão. No entanto a participação dos atletas pode ser mais curta pelos seguintes motivos:

- Os formadores federativos consideram o desenvolvimento do potencial do talento insuficiente para continuar no projecto;
- O seleccionador nacional sub-18 considera o trabalho realizado no clube muito bom e por isso não é necessária a participação no projecto;
- O seleccionador nacional sub-18 decide que já existem jogadores talentosos suficientes numa determinada geração, e por isso deixa de trabalhar com jogadores destas idades dando espaço a jogadores com idades inferiores;
- O talento pode desistir da sua continuação no projecto. Nestes casos o gestor do centro procura perceber o que motivou esta decisão.

4.2.5 A ligação à selecção nacional sub-18

Conforme demonstra a Figura 3 o recrutamento de jogadores para os sub-18 é realizado através deste projecto de desenvolvimento de talentos. Não

é possível alcançar as selecções sub-18 sem integrar estes centros de formação.

4.2.6 Conteúdo técnico na formação dos talentos.

O cerne da formação deste sistema de formação é desenvolver as capacidades e habilidades individuais dos jogadores. O complexo jogo colectivo, o jogo formal 7 contra 7 não ocorre nesta etapa de formação. Esta formação é desenvolvida posteriormente nas selecções sub-18 e sub-20. Em vez disso, o trabalho na formação é desenvolvido em pequenos grupos de atletas e procura-se desenvolver competências destes através de exercícios com muitas repetições e respectivas correcções dos formadores federativos.

O projecto de selecção de talentos tem planos para “educar” os atletas num determinado número de competências e habilidades na defesa e no contra-ataque. A federação considera estes parâmetros essenciais na formação dos talentos. O principal objectivo da formação de talentos não é desenvolver rapidamente as habilidades técnicas de forma a possibilitar às selecções nacionais jovens resultados a curto prazo. É visto antes como um projecto a longo prazo permitindo aos atletas consolidar todas as etapas da sua formação.

4.2.7 Treino Físico

A FDA pretende que os seus atletas iniciem o trabalho físico em idades muito jovens a fim de criar bons hábitos de exercício. Fazem isto, entre outras coisas, dando aos jogadores uma relação singular com a prática física.

Para a FDA, este tipo de trabalho é a chave para garantir um desenvolvimento progressivo dos jogadores o que leva à maturação destes, o que permite melhores prestações desportivas.

Os clubes desempenham um papel importante neste processo porque é a sua influência diária sob os jogadores que os podem levar ao sucesso. Portanto, a FDA considera os clubes como sendo ideais para centros de

formação, e tenta que estas ideias de condição física sejam introduzidas nos seus quotidianos.

O treino dos talentos a nível físico é dividido em três grupos principais: aquecimento, exercício aeróbio e força.

I) Aquecimento

O aquecimento é uma oportunidade única para desenvolver a base da força e a capacidade de coordenação dos jovens.

II) Exercício aeróbio

A evolução da força na formação, no andebol dinamarquês na década de 90, foi parcialmente à custa da corrida.

Ao longo dos últimos anos os atletas têm vindo a melhorar nesta aspecto físico.

Esta evolução é da responsabilidade da FDA pois centram o trabalho dos talentos essencialmente na força.

Mas com o desenvolvimento do jogo, existe a necessidade de melhorias das capacidades aeróbias e anaeróbias, também devido à alteração de algumas regras, e por conseguinte é necessário adaptar o trabalho a esta evolução.

Assim, a FDA aconselha os atletas no trabalho aeróbio que estes devem realizar 2 a 3 sessões por semana dependendo do tipo de trabalho desenvolvido no clube.

III) Força

Jogadores com idades compreendidas entre 15-17 anos, muitas vezes têm pouco ou nenhum conhecimento do treino de força, e muitos deles têm lacunas do ponto de vista muscular. Por isso é desejável que aos jovens em idade precoce seja aplicado exercícios base de força. Isto poderia incluir um aquecimento baseado na ginástica.

Em função dessas experiências, o trabalho de força é decomposto em 4 fases divididas ao longo de 2 anos:

1. Aprendizagem;
2. Core Strength

3. Endurance muscular

4. Hipertrofia

Isto significa, por exemplo que força máxima, força explosiva e velocidade não estão implementadas no quadro federativo, o que também se reflecte nos testes efectuados na formação de talentos.

a) Aprendizagem

Os jogadores aprendem desde o início que a força na formação exige grande concentração e deve ser exercida com respeito pelo seu corpo.

Os exercícios começam com a utilização do seu próprio peso. Após terem gasto muito tempo com barra e patelas os atletas devem ser capazes de controlar o peso ao longo de todos os movimentos. Mais tarde, é ensinado técnicas mais complexas como o agachamento.

O trabalho é realizado com pouca carga, com 8-12 repetições e 2-3 series na fase de aprendizagem

b) Core Strength

Após a aprendizagem de exercícios básicos, a formação continua para que os atletas trabalhem continuamente na força. Os exercícios ainda serão muito centrados na formação de estirpe corporal e movimentos compostos. A complexidade dos exercícios irá sendo aumentada. Nesta fase desenvolve-se o trabalho: 40%-60% de 1 repetição máxima (RM), 8-12 repetições e 3-4 séries.

c) Endurance muscular

Após aproximadamente um ano de aprendizagem e de formação básica de resistência, verifica-se o aumento do número de repetições. O objectivo é dar ao jogador uma maior resistência ao mesmo tempo que lhe ensina a importância do trabalho contínuo para o desenvolvimento da força ao longo da sua formação.

Este tipo de trabalho é frequentemente desenvolvido nos círculos de formação. Nestes círculos são criados 10/15 exercícios que depois serão aplicados aos atletas. A federação cita que “os treinadores podem optar por deixar os atletas correrem 4-5 km no ciclo de formação, a fim de manter um

elevado ritmo cardíaco durante o período. No entanto as medições mostram que a frequência de pulso do jogador só cai 20 batimentos, em média, no trabalho de força comparativamente com a corrida.” Este diferença depende da escolha de exercícios, uma vez que alguns funcionam melhor para o aumento de pulsação que outros. A metodologia utilizada é carga a 40-60%, 12-20 repetições e 3-6 séries.

d) Hipertrofia

Uma das razões para os treinadores aplicarem este tipo de trabalho, é porque este pretende que o atleta aumente o peso e especialmente a proporção muscular, a fim de atender às exigências do andebol sénior. Na Dinamarca, não se consegue fazer uma selecção de talentos baseado na dimensão física como na Alemanha ou Rússia, pois o número de jogadores é muito menor.

Portanto, a última fase do treino de força para os jogadores em formação é a hipertrofia. Estes exercícios são simples e não são particularmente exigentes do ponto de vista técnico. Relativamente à metodologia, a carga é adequada ao indivíduo, com um trabalho de 8-12 repetições e séries de 3-5 com intervalos curtos entre cada conjunto de exercícios.

4.2.8 Testes

A federação tem vindo a testar os talentos de forma contínua ao longo de 1 ano. O teste consiste em 4 avaliações:

1. Teste do yo-yo
2. Número máximo de repetições no supino com o seu peso corporal.
3. 5 Saltos de canguru
4. Teste da extensão do tronco

O teste é realizado para assegurar que toda a gente trabalha com os programas fornecidos. Além disso, é importante que os atletas se apliquem na realização de exames e para isso são atribuídas classificações às prestações dos atletas. São atribuídos diplomas aos atletas nas categorias ouro, prata e bronze. Por exemplo, para obter bronze no segundo teste é necessário realizar 8 elevações da barra.

4.3 Modelo Português

4.3.1 Estrutura e Organização das Selecções Nacionais

A Federação de Andebol de Portugal (FAP) tem procurado desenvolver os seus talentos ao longo dos anos umas vezes com mais sucesso do que outras. Actualmente a FAP aposta numa maior responsabilização dos jogadores das selecções nacionais e para isso induz os seus atletas a um maior trabalho individual físico, técnico e tático. Também há um maior rigor na detecção e selecção dos talentos e para isso introduziram-se as selecções regionais de infantis (jovens nascidos em 97/98).

A FAP possui uma equipa técnica constituída por profissionais que se dedicam à captação, selecção e desenvolvimento dos talentos em Portugal.

As selecções nacionais são divididas por escalões etários sendo que nos masculinos se organizam conforme os Quadros 16 e 17 descrevem:

<u>Selecções Maculinas</u>	Idades	Anos de Nascimento
Detecção de Talentos	12/13	1996/97
Junior D	14/15	1994/95
Junior C	16/17	1992/93
Junior B	18/19	1990/91
Junior A	20/21	1988/89

Quadro 16 – Selecções Nacionais Masculinas

<u>Selecções Femininas</u>	Idades	Anos de Nascimento
Detecção de Talentos	12/13/14	1995/96/97
Junior C	15/16	1993/94
Junior B	17/18	1991/92
Junior A	19	1990

Quadro 17 – Selecções Nacionais Femininas

As selecções nacionais desenvolvem o seu trabalho em estágios, concentrando os atletas seleccionados em diversos locais. No Quadro 18 podemos observar o tempo que cada escalão terá disponível ao longo da temporada 2009/10 para estágios e competições.

<u>Seleccção</u>	Dias Totais de Estágio / Competição	
	Masculinos	Femininos
Detecção de Talentos	6	12
Junior D	12	
Junior C	23	28
Junior B	57	29
Junior A	47	37

Quadro 18 – N^o de dias em estágios/competição nas diferentes selecções

4.3.2 Detecção e identificação dos talentos

Na FAP a selecção mais baixa designa-se Detecção de Talentos. No entanto antes de estes jovens alcançarem esta etapa têm que passar por outra que ocorre a nível regional através das selecções regionais para infantis (atletas com idades compreendidas entre os 10 e 11 anos) e iniciados (jovens com idades compreendidas entre os 12 e 13 anos). A FAP fornece orientações às associações regionais sobre as características que os jogadores das suas selecções devem possuir. Estas selecções são organizadas e trabalhadas pelas associações regionais que depois competem entre si, permitindo aos seleccionadores nacionais perceberem o valor dos diferentes atletas. As selecções regionais são o primeiro filtro selectivo onde se espera obter os melhores jogadores nacionais deste grupo etário.

Um problema que actualmente persiste e pode impedir que alguns atletas não sejam detectados é o facto de algumas associações não possuírem selecções regionais. Nestes casos torna-se importante o papel dos treinadores

de formação dos clubes. Quando não existem selecções regionais, os treinadores sempre que identifiquem um atleta com potencial devem contactar a federação e informar sobre a existência deste.

Os seleccionadores nacionais procuram observar os atletas nas competições das selecções regionais mas também os observam directamente nos clubes. Os seleccionadores observam os jogos do escalão que treinam, mas também procuram ver vários jogos de diferentes escalões para que o trabalho do corpo técnico federativo seja o mais completo possível.

I) Características dos jogadores seleccionados

No passado, as características pretendidas pela FAP nas suas detecções eram essencialmente físicas (altura, peso, ...) mas no entanto esta estratégia demonstrou não ser a mais eficaz, uma vez que muitos dos jovens atletas integrados nas selecções, ao longo da sua formação, não conseguiram alcançar quadros competitivos de excelência no escalão sénior. Estas escolhas podem ter sido danosas para outros atletas que podiam ter integrado o quadro da selecção, mas por não terem as características físicas pretendidas, não foram seleccionados.

Agora existe a grande preocupação de aliar as características físicas à riqueza técnica e tática individual de cada jogador.

Relativamente a jogadores canhotos continua-se a procurar atletas para as posições de lateral e extremo direito. No entanto torna-se complicado encontrar jogadores canhotos com qualidades físicas e técnico-táticas óptimas. Segundo o CTN da FAP, no andebol moderno existem selecções nacionais absolutas com títulos mundiais e olímpicos conquistados que actuam com jogadores dextros na posição de lateral direito. Portanto o que a Federação faz é procurar laterais direitos altos, com qualidade técnica-tática evoluída. Se forem canhotos tanto melhor. Já na posição de extremo direito os atletas devem ser sempre canhotos.

Nas diferentes selecções há a preocupação de que alguns atletas de certas posições tenham que ter uma altura mínima. Não são todos os jogadores

daquela posição mas sim um por posição. As posições desejadas são o *pivot*, 1 ou 2 primeiras linhas e um guarda-redes.

A FAP procura actualmente atletas que consigam resolver situações tácticas de 1x1, 2x2 e 3x3 com elevada eficiência, quer em situações ofensivas como em situações defensivas. A esta característica tentam sempre aliar o factor antropométrico altura uma vez que este é fundamental para o sucesso na modalidade. No entanto há sempre espaço para 1 ou 2 jogadores mais pequenos nas selecções com qualidade técnica óptima e que permitam imprimir maior velocidade no jogo.

4.3.3 Desenvolvimento dos talentos

I) Objectivos técnico-tácticos das diferentes selecções de formação

Como já demonstramos em cima a Federação tem um processo crescente e transitório a nível das selecções. Assim sendo os objectivos técnico-tácticos federativos são no início (detecção de talentos) predominantemente de melhoria técnica individual. Assim que os atletas vão avançando nos escalões etários estes objectivos vão aliando-se a outras componentes como o aumento do trabalho físico e o aumento do trabalho táctico colectivo. Na Figura 5 pode-se observar a percentagem de trabalho atribuída em diferentes áreas de trabalho nos diferentes escalões das selecções.

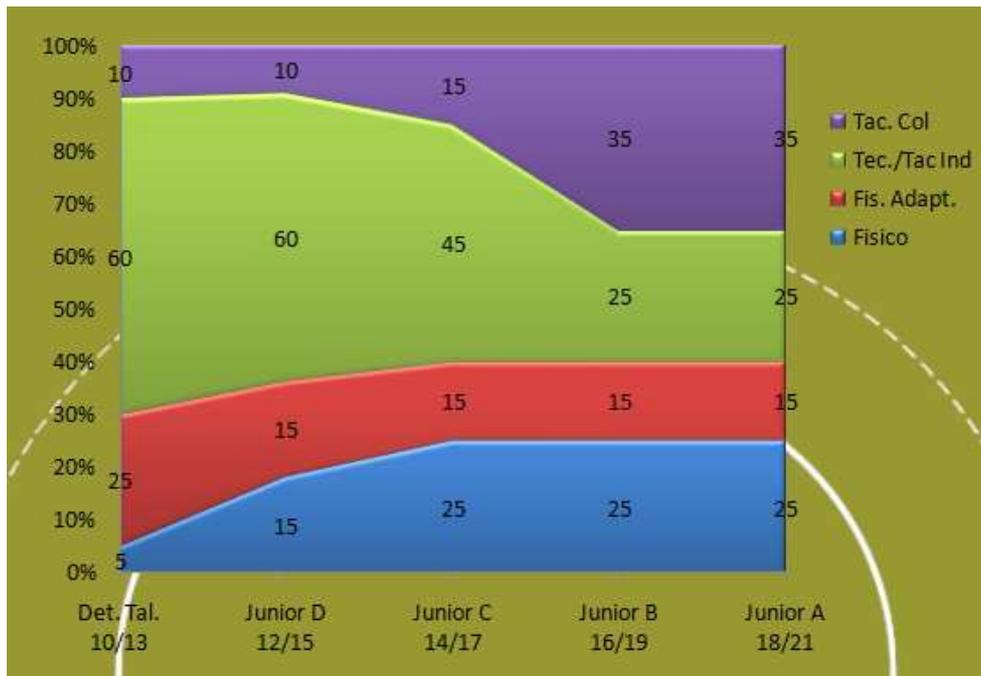


Figura 5 – Percentagem de trabalho em função do escalão etário

Nas selecções mais jovens, a FAP, aposta no desenvolvimento das capacidades técnicas e tácticas individuais (60% do trabalho nos dois escalões mais jovens).

Relativamente ao escalão “Detecção de Talentos”, no que concerne ao desenvolvimento físico apenas 5% do trabalho é dedicado a este aspecto, no entanto 25% é dedicado ao desenvolvimento físico adaptado que é trabalho desenvolvido dentro do pavilhão.

À medida que os atletas vão progredindo nas equipas nacionais, vai-se aumentando o trabalho físico (chega a ser de 40% do trabalho nas selecções Júnior B e C) e o desenvolvimento da táctica colectiva (35% nos Júniores C e B).

I) Testes físicos aplicados nas selecções

Na FAP há a preocupação de regularmente fazer alguns testes físicos de forma a acompanhar o desenvolvimento dos atletas e das próprias equipas nacionais.

Assim sendo a FAP possui uma base de dados onde acompanha os resultados dos atletas nos seguintes parâmetros: força; velocidade; resistência; agilidade e dados antropométricos. Os testes efectuados na Federação encontram-se identificados no Quadro 19:

<u>Testes</u>	
Impulsão Vertical	A 2 pés
	Pé Esquerdo
	Pé direito
Velocidade	5m
	20m
Teste Yo-Yo	Nº percursos
	Distância percorrida
Agilidade	Lateral
	Frontal
Antropométricos	Peso
	Altura

Quadro 19 – Teste físicos aplicados pela FAP

É importante este tipo de testes pois pode-se acompanhar a evolução individual dos atletas e também do grupo.

No final de cada estágio é elaborado um relatório individual de cada atleta onde se pode observar os pontos positivos e negativos, que depois é entregue ao atleta e ao seu clube. Assim os treinadores dos clubes já sabem que pontos devem procurar desenvolver ao longo dos treinos, para que o seu atleta alcance o próximo estágio com melhorias consideráveis. Esta é uma forma de estabelecer pontes entre os seleccionadores e treinadores de clubes que só facilita o desenvolvimento dos atletas.

A FAP adopta a aplicação de testes físicos mas no entanto não coloca nenhuma meta a alcançar. Para a FAP é preferível não colocar metas quantitativas e pedir aos atletas que sejam cada vez melhores. Ao colocar um nível de referência podia-se limitar a evolução de alguns atletas, isto é, para alguns atletas alcançar uma determinada barreira poderia levar a que estes não se aplicassem mais porque já tinham chegado à meta determinada pela FAP.

5. Discussão

5. Discussão

5.1 Análise dos diferentes modelos de talentos

Neste ponto do trabalho procura-se analisar os modelos descritos no Capítulo anterior à luz das ideias defendidas pelos diferentes autores referidos na revisão bibliográfica. Ao mesmo tempo, também se vão confrontar os modelos entre si nas seguintes categorias:

- Organização;
- Recrutamento de talentos;
- Metodologia Utilizada;
- Obtenção de resultados: Formação/ Seniores.

a) Organização

Todos os modelos têm uma preocupação em comum na sua organização: o trabalho das três federações, pretendem realizar um prognóstico a longo prazo dos seus atletas para que seja possível integrá-los na população de atletas de excelência desportiva. Esta ideia é também defendida Régnier *et al.* (citado por Maia, 1993).

O modelo Francês opta por possuir vários pólos distribuídos pelo país onde podem alojar e trabalhar com os jovens mais promissores de cada região. Cada pólo oferece as melhores condições possíveis aos seus atletas o que vai de encontro à ideia defendida por Sáenz-López (2004) que defende que o contexto onde os jovens estão inseridos é um dos elementos mais influentes no desenvolvimento dos talentos. No entanto, o facto de os atletas estarem longe da família pode ser prejudicial para o seu desenvolvimento de acordo com Cunha (1999), que refere que o apoio familiar é um factor preponderante que é necessário gerir.

O modelo Dinamarquês possui três centros de treino onde os seus jovens atletas se concentram seis vezes por ano. Este facto permite que os atletas cresçam perto dos familiares e amigos o que pode influenciar positivamente a sua evolução (Cunha, 1999). A Federação procura também influenciar as

metodologias de treino a utilizar nos clubes tendo em vista a adopção de um processo coerente que contribua para o desenvolvimento dos jovens.

O modelo Português realiza estágios periódicos com os seus atletas ao longo da época desportiva. Os atletas são escolhidos pelos seleccionadores de cada selecção que os observam nas competições dos clubes.

No Quadro 20 pode-se observar um resumo da organização das Federações analisadas.

		Portugal	Dinamarca	França
Organização	Tipo de Trabalho	Estágios	Estágios	Internato
	Nº de Técnicos	9	24	120
	Nº de Atletas	72	90	630 - 756
	Objectivos Competitivos	Não estabelecem nos escalões mais novos	Tentam conquistar títulos na formação sem comprometer a formação a longo prazo	Não estabelecem nos escalões mais novos

Quadro 20 – Organização das Federações Portuguesa, Francesa e Dinamarquesa.

De realçar a diferença acentuada no número de técnicos envolvidos no processo das distintas federações. Enquanto a FAP trabalha com 9 técnicos, a FDA inclui 24 treinadores nos seus quadros e a FFA abrange 120 técnicos no seu sistema.

b) Recrutamento dos talentos

Todas as federações tentam seleccionar atletas com certas características antropométricas pois estas têm influência no jogo de Andebol (Fernández *et al.*, 2004).

Na FFA, existe um certo número de atletas que têm que possuir uma altura mínima para poderem integrar os pólos.

Os jovens atletas entram para os pólos, onde iniciam o trabalho federativo com 14/15 anos. Para Volossovitch (2000) existem 5 etapas na organização do processo de selecção de talentos. Neste modelo verifica-se que a Federação Francesa só inicia o trabalho na 3ª etapa designada “Seleção Orientada” onde se pretende determinar a especialização do atleta. Assim verifica-se que a 1ª e 2ª etapa ficam descuradas pela FFA e possivelmente entregue aos clubes.

Antes de integrarem os pólos procede-se a uma detecção de talentos procurando potenciais atletas com 12, 13, 14 ou 15 anos. Os quadros técnicos do estado são os responsáveis por esta etapa.

A FDA utiliza duas vias para detectar os seus talentos: as associações distritais e os clubes. Os atletas são observados pelos seleccionadores nas competições entre selecções distritais, ou então são os próprios clubes a informar a FDA da existência de um possível talento.

A FDA inicia os seus trabalhos com atletas entre os 14/15 anos. Este trabalho corresponde à segunda etapa na formação dos talentos designada ‘treino específico’ (Cunha, 1999). A primeira etapa, de acordo com o mesmo autor, deverá ocorrer a partir dos 10 anos de idade. Assim, presume-se que esta primeira etapa fica entregue aos clubes e selecções distritais.

A forma da FAP identificar os seus talentos é muito semelhante à FDA. Utilizam as mesmas vias, no entanto a FAP opta por intervir no trabalho das selecções distritais (regionais, em Portugal) orientando a sua detecção e o seu trabalho. A FPA é a federação que inicia o seu trabalho em idades mais baixas (12/ 13 anos) o que pode permitir uma detecção de talentos que, devido às suas capacidades motoras, somáticas e psíquicas, permitam obter, no futuro, resultados competitivos em alta competição (Costa & Alves, 1990).

No Quadro 21 comparam-se os 3 modelos relativamente à detecção de talentos.

		Portugal	Dinamarca	França	
Detecção	Idades no início dos projectos federativos	12/13	14	14	
	Critérios de Seleção	Técnico e Tático	Jogadores evoluídos do ponto de vista técnico e tático	--	Jogadores com motricidade específica refinada e bons conhecimentos táticos
		Físicos	1 GR, 1 <i>Pivot</i> e 2 1ª linhas altos	--	Por cada um dos 22 Pólos: 3 atletas altos; 3 atletas canhotos e 1 GR alto.

Quadro 21 – Detecção de talentos nos 3 modelos

Destaca-se o elevado número de atletas envolvidos no modelo francês. Enquanto a FAP desenvolve os seus trabalhos com 1 GR, 1 *Pivot* e 2 1ª linhas altos por escalão etário, a FFA trabalha com 66 atletas altos, 66 atletas canhotos e 22 GR altos.

c) Metodologia utilizada

Todas as federações procuram criar as melhores condições para que, aos seus atletas, seja disponibilizado um bom ambiente de aprendizagem tendo a oportunidade de explorar o seu potencial (Williams & Reilly, 2000).

A FFA faz com que os seus técnicos respeitem as suas orientações no que respeita à quantidade e qualidade dos treinos. O treino deve ser de alto nível baseado numa (i) motricidade geral e específica de qualidade, (ii) num trabalho físico personalizado, (iii) no controlo de jogo em dois postos específicos, (iv) no controlo de todas as componentes do trabalho da força, (v) na capacidade de trabalhar em grupo, (vi) num trabalho teórico de qualidade, (vii) em sessões com poucos jogadores e realmente personalizadas. Os atletas dos pólos têm uma carga horária de 12h a 17h semanais de treinos. Tendo em conta que estes passam 38 a 48 semanas submetidos neste processo, por ano, significa que os atletas estão envolvidos em 450h a 700h de treinos anuais.

A FDA realiza 6 estágios anuais, durante 2 dias, nos seus centros distribuídos pelo país. Durante cada estágio os atletas treinam três vezes sendo a duração de cada treino de 2h. No final de cada estágio os jovens talentos trabalham durante 6h, o que perfaz no final da época 36h de treino. A este tempo de trabalho terá que se adicionar as horas que estes atletas treinam nos clubes e nas associações regionais. A FDA ainda realiza um campo de férias com a duração de 5 dias para os melhores atletas dos diversos centros. A Federação procura desenvolver competências nos atletas através de exercícios com muitas repetições e respectivas correcções dos formadores federativos. O projecto de selecção de talentos tem planos para “educar” os atletas num determinado número de competências e habilidades na defesa e no contra-ataque. O treino dos talentos a nível físico é dividido em três grupos principais: aquecimento, exercício aeróbio e força.

A FPA desenvolve os seus talentos em estágios pontuais ao longo da época desportiva. O número de dias dedicados aos estágios varia de selecção para selecção. A selecção que tem menos dias de trabalho na federação é a selecção de detecção de talentos masculina que apenas dispõe de 6 dias de trabalho anuais. Para além disso, estes atletas ao longo do ano trabalham nos seus clubes e nas selecções regionais, tendo no final da época um estágio para se fazer um ponto de situação destes atletas. A selecção de Juniores B masculina é aquela que tem maior número de dias disponíveis para estágios/competições – 57dias. A preocupação da Federação é desenvolver os atletas a nível táctico e técnico individual nos escalões mais jovens. À medida

que os atletas vão evoluindo o trabalho vai assumindo maior complexidade ao nível dos aspectos táticos colectivos e do desenvolvimento do trabalho de força. No escalão mais novo apenas 5% do trabalho é dedicado à componente física enquanto nos juniores B, este elemento ronda os 25%.

No Quadro 22 podem-se comparar os factores anteriormente referidos:

Metodologia	Portugal	França	Dinamarca
	<u>Treino Técnico-tático</u>	60%-45% do trabalho total até aos sub-18.	Treino de alto nível baseado numa motricidade geral, na capacidade de trabalhar em grupo, em sessões com poucos jogadores.
<u>Nº de horas/dias por ano</u>	6 dias – 57 dias	450h – 700h	36h + 5 dias no campo de verão

Quadro 22 – Tipo de treino técnico-tático e tempo despendido no mesmo

Assim podemos concluir que todas as federações se preocupam em detectar precocemente os seus talentos e oferecer-lhes as melhores condições possíveis para que o seu desenvolvimento seja o melhor.

Se relacionarmos os resultados de cada federação ao número de horas que cada federação dedica aos seus talentos, podemos concluir que quanto mais horas de treino mais possibilidades existem de criar atletas de nível mundial.

Relativamente ao desenvolvimento físico dos atletas, todas as federações têm a preocupação de dotar os seus atletas de qualidades físicas

ótimas. Para isso referem a importância do trabalho aeróbio e das diversas expressões da força muscular.

A FFA opta por desenvolver o trabalho aeróbio de três formas: em terreno variado, em pista ou no pavilhão. A grande preocupação é desenvolver a potência máxima aeróbia dos atletas diversificando o tipo de trabalho ao longo de toda a época. Relativamente ao trabalho de força, os franceses definem 2 sessões de 1h30 por semana, como ideal para o desenvolvimento da força. No entanto, na prática realizam-se em certas alturas da época, um número superior de sessões semanais.

A FDA aconselha os seus atletas a 2/3 sessões semanais de trabalho aeróbio podendo estas depender do trabalho desenvolvido nos clubes. Relativamente ao desenvolvimento da força, os dinamarqueses preferem dividir este trabalho em etapas, uma vez que segundo os nórdicos, os jovens com idades compreendidas entre os 15 e 17 anos têm pouco conhecimento do treino da força e muitos deles têm lacunas a nível muscular. Assim o trabalho muscular está dividido em (i) aprendizagem; (ii) Core Strenght; (iii) Endurance Muscular e (iv) Hipertrofia. O objectivo deste sistema é ensinar as regras básicas do trabalho de força e ir aumentando a complexidade dos exercícios à medida que se for evoluindo nas etapas.

No que diz respeito à FAP não foi possível aceder a uma descrição tão pormenorizada do tipo de trabalho a desenvolver. No entanto existem pressupostos claros a cumprir neste âmbito: nos escalões mais jovens 30% do trabalho total é físico, sendo que este pode ser puramente físico (realizado em ginásio ou pista de atletismo), ou então desenvolvido no pavilhão através de exercícios com bola que recriam algumas situações de jogo. Até aos sub-18 esta percentagem sobe até aos 40%.

No Quadro 23 podem-se observar as diferenças acima assinaladas:

Metodologia		Portugal	França	Dinamarca
	<u>Trabalho Aeróbio</u>		30%-40% do trabalho total até aos sub-18	1-5 vezes por semana dependendo da altura da época
<u>Trabalho Muscular</u>			2-4 sessões semanais	--

Quadro 23- Trabalho aeróbio e trabalho muscular

De forma a monitorizar o trabalho de desenvolvimento físico dos seus atletas, as federações optam pela realização de testes físicos.

A FDA realiza 4 testes que permitem avaliar a condição aeróbia, o nível de força e flexibilidade.

A FAP realiza periodicamente 5 testes que possibilitam a análise a forma física individual de cada atleta.

Na FFA não foi possível identificar qualquer tipo de testes físicos.

No Quadro 24 podem-se observar quais os testes efectuados pelas diferentes selecções:

Testes Físicos	Portugal	Dinamarca
	Impulsão Vertical	5 saltos de canguru
	Velocidade	Nº máximo de repetições no supino com o seu peso corporal
	Teste Yo-Yo	Teste Yo-Yo
	Agilidade	Teste da extensão do tronco
	Antropométricos	

Quadro 24 – Testes físico nas diferentes federações

Relativamente à forma como as federações organizam os seus métodos de trabalho pode-se constatar que estas têm diferenças notórias entre si.

A FFA opta por realizar diferentes tipos de trabalho como: (i) treino físico; (ii) treino físico-técnico; (iii) treino de posto específico; (iv) treino ao nível relacional e (v) treino de desenvolvimento colectivo.

Já os dinamarqueses preferem dedicar-se ao trabalho realizado em pequenos grupos procurando desenvolver competências nos atletas através de exercícios com muitas repetições. O treino táctico colectivo é deixado para as selecções superiores como os sub-18 e os sub-20.

A FAP organiza o seu trabalho em 4 grandes áreas: (i) treino físico; (ii) treino físico adaptado; (iii) treino técnico-táctico individual e (iv) treino de táctica colectiva. A percentagem de trabalho dedicada a cada área vai variando consoante o escalão etário.

No Quadro 25 podem-se verificar estas diferenças:

	França	Portugal	Dinamarca
Organização do Trabalho	Treino Físico	Treino Físico	Treino Físico
	Treino Físico-técnico	Treino Físico Adaptado	Treino Técnica e Táctica Individual
	Treino do Posto Específico	Treino Técnica e Táctica Individual	Táctica Colectiva apenas a partir dos sub-18
	Treino ao nível relacional	Táctica Colectiva	----
	Treino Colectivo	-----	----

Quadro 25 – Organização do trabalho nas federações

d) Obtenção de resultados.

As ideologias das Federações analisadas defendem que os seus processos de formação são a longo prazo e que não são importantes as conquistas nos escalões mais jovens.

A FFA aposta claramente na formação a longo prazo e, como os resultados das suas selecções absolutas demonstram, obtêm sucesso desportivo devido a um vasto e bem organizado processo de recrutamento, que é complementado por um sistema de treino minuciosamente organizado, ideia também defendida por Beloti e Donati (citado por Araújo, 1985). Na formação não obtêm classificações elevadas nas competições onde entram, como é possível constatar nos últimos campeonatos do mundo de sub-21 e de sub-19 (11º e 9º lugares, respectivamente). Este aspecto parece não assumir relevância para a avaliação do processo, visto que os mesmos atletas, quando integrados na selecção mais representativa, têm prestações de elevado nível. Este facto fica comprovado se atendermos a que, neste momento, a França detém o título mundial, o título de campeã olímpica e vice-campeã europeia.

A FDA embora também defenda que o seu projecto seja para formar atletas a longo prazo, a verdade é que têm conquistado várias competições na sua formação. Exemplo disso é a medalha de prata alcançada no campeonato do mundo de Sub-21 e o 5º lugar no campeonato do mundo de sub-19. Nos escalões máximos absolutos conseguem manter este ritmo de conquistas, sendo actualmente os campeões da Europa masculinos e a selecção feminina ter alcançado a 4ª posição no Campeonato do Mundo em 2005.

A FPA aposta também na formação de longo prazo. Relativamente a resultados não se verificam grandes conquistas na formação a não ser algumas Taças Latinas. No entanto, nos últimos anos as selecções mais jovens têm conseguido apurar-se com frequência para as fases finais de campeonatos da Europa e do Mundo, o que comprova a evolução que se tem vindo a verificar. No entanto a selecção absoluta masculina não consegue o apuramento para uma fase final desde 2006 ano em que participou no Campeonato da Europa e alcançou o 15º lugar.

6. Conclusão

6. Conclusão

6.1 Conclusões e Considerações Finais

Ao longo do presente trabalho efectuou-se um grande esforço no sentido de analisar os três modelos de DSTD.

Após a análise e a discussão deste trabalho apresentam-se as seguintes conclusões e considerações finais:

1. A FFA opta por trabalhar os seus atletas em regime de internato. A FDA e a FPA desenvolvem os seus talentos em estágios pontuais ao longo da época desportiva.
2. A FFA inicia o seu trabalho com talentos com idades compreendidas entre os 14 e 15 anos. Os Dinamarqueses começam a desenvolver os seus talentos com jovens com 14 e 15 anos. Os Portugueses iniciam o trabalho federativo com atletas com 12 e 13 anos, sendo a federação que inicia os seus trabalhos em idades mais precoces.
3. A FFA inicia a sua procura de talentos pedindo às associações regionais que liderem esta tarefa. A Dinamarca capta os seus atletas através de duas vias: através das associações regionais e através dos clubes. A FAP obtém os seus talentos através das selecções regionais.
4. A França e Portugal preocupam-se com as características físicas dos atletas aquando o momento da selecção. Ambas as federações têm valores de referência mínimos para determinados atletas de certas posições (como a altura mínima).
5. Os atletas franceses integrados nos pólos têm acesso a cerca de 450h a 700h de treinos por época desportiva. Os dinamarqueses desenvolvem 36 horas de treino anuais ao longo dos seus 6 estágios mais um campo de férias com a duração de 5 dias. Os Portugueses variam o seu tempo de estágio consoante o escalão etário tendo o seu limite de 6 dias anuais (detecção de talentos) e um máximo de 52 dias (Juniiores B).
6. Os franceses executam um treino de alto nível baseado numa motricidade geral e específica de qualidade, num trabalho físico

personalizado, no controlo de jogo em dois postos específicos, no controlo de todas as componentes do trabalho da força, na capacidade de trabalhar em grupo, num trabalho teórico de qualidade, em sessões com poucos jogadores e realmente personalizadas. A FDA e a FAP preferem desenvolver nos jovens talentos qualidades técnicas e táticas individuais.

7. Relativamente a resultados obtidos, verifica-se que a Dinamarca é a única a alcançar resultados competitivos nos escalões de formação. O escalão sénior da França demonstra o excelente desenvolvimento da sua formação conseguindo ser actualmente a Campeã Mundial e Olímpica Masculina. No entanto, a Dinamarca consegue dar continuidade aos seus êxitos na formação no escalão máximo, sendo actualmente os Campeões Europeus Masculinos. Na FAP não se verificou nenhum título na formação ou no escalão sénior.

7. Referências Bibliográficas

7. Referências Bibliográficas

- Abbott, A., & Collins, D. (2002). *A theoretical and empirical analysis of a 'state of the art' talent identification model*. High Ability Studies
- Araújo, J. (1985). Seleção de Talentos Desportivos. *Revista Horizonte, II* (6), Março – Abril, pp. 186-188.
- Barbosa, J. (2000). *Escolas de Formação – estudo de indicadores que contribuem na seleção e detecção de futebolistas dos oito aos dezassete anos* – Monografia de Licenciatura. FADEUP – Porto.
- Bardin, L. (2004). *Análise de Conteúdo* (3ª Ed.). Lisboa: Edições 70.
- Bayer, C. (1987). *Técnica del balonmano: la formación del jugador*. Barcelona: Hispano Europea.
- Bento, J.O. (1989). A Detecção e o Fomento de Talentos. *Revista Brasileira de Ciências e Movimento*, 3 (3), pp. 84-93.
- Bilton, J. (1999). *Developing players for the modern game. Football academies: the start – the Leeds United experience*. Insight, 3 (2), 6-9.
- BÖHME, M. T. S. (1994). Talento esportivo I: aspectos teóricos. *Revista Paulista de Educação Física*, São Paulo.
- Bompa, T. (1990). *Theory and Methodology of Training – The key to athletic performance*, Dubuque, Iowa: Kendal/Hunt Publ. Comp.
- Borges, S. (1996). *O Perfil do Deslocamento do Andebolista. Um estudo com jogadores seniores masculinos*. Dissertação apresentada às provas de mestrado. FCDEF-UP. Porto.

- Brown, J. (2001). *Sports Talent. How to identify and develop outstanding athletes*. Champaign, Illinois. Human Kinetics.
- Castanheira, N. & Guimarães, M. (2003). *O modelo Francês de Andebol*. (não editado).
- Costa, J.M.; Alves, J.A. (1990). *O tempo de reacção e a detecção de talentos no Andebol*. *Ludens*. 12 (2). Janeiro – Fevereiro.
- Cunha, A. (1988). A Detecção e a Selecção de Talentos. *Revista Sete Metros*, (28), pp. 4-9.
- Cunha, A. (1999). *A gestão de Talentos Desportivos*. Consultado a 10 de Outubro de 2009, disponível em <http://www.forumolimpico.org/?q=node/201>.
- Davids, K.; Lees, A. e Burwits, L. (2000). Understanding and measuring coordination and control in kicking skills in soccer: implications for talent identification and skill acquisition. *Journal of Sports Sciences*. 18 (9), 703-714.
- Denzin, N., & Lincoln, Y. (2000). *Introduction: The discipline and practice of qualitative research*. In N. Danzin & Y. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp. 1-29). California: Sage Publications.
- Dicionário da Língua Portuguesa, 8ª Edição, Porto Editora.
- Fernández, J. J., Vila, M. J. & Rodriguez, F. A. (2004). Modelo de un estudio de la estructura condicional a través de un análisis multivariante enfocado a la detección de talentos en jugadores de balonmano. *Motricidad: European Journal of Human Movement*, 12, 169-185.
- Ferreira, A. (1992). *Seleção e recrutamento de jovens futebolistas* – Monografia de Licenciatura. FADEUP – Porto.

- Filin, V.P., & Volkov, V.M. (1998). *Seleccão de talentos nos desportos*. Midiograf - Londrina.
- Ghiglione, R., & Matalon, B. (1997). *O inquérito. Teoria e prática*. (3ª Ed.). Oeiras: Celta Editora.
- *Guide Technique et Sportif 2008/2009*. Consult. 18 de Junho 2009, disponível em www.llhb.org.
- Giordani, V., Silva, A., & Silva, M. (2007). *Morfologia de Atletas Juvenis de Andebol*. Consultado a 12 de Maio de 2009, disponível em www.periodicos.ufsc.br/index.php/rbcdh/.../3428
- Grawitz, M. (2001). *Méthodes des sciences sociales*. (11^{ème} Ed.). Paris: Éditions Dalloz.
- Hahn (1988). *Entrenamiento con niños*. Ed. Martínez Roca. Barcelona.
- Hasan, A., Rahaman, J. A., Cable, N. T. & Reilly, T. (2007). Anthropometric profile of elite male handball players in Asia. *Biology of sport*, 24 (1), 3-12.
- Hernandez, H., & Shimey, M. (2009). *Normas de evaluación de la condición física y detección de talentos, una experienciam cubana aplicada en la comunidad de Busowa, Bugiri, Uganda. Primera parte*. Consultado a 22 de Outubro de 2009, disponível em <http://www.efdeportes.com/efd134/deteccion-de-talentos-en-uganda.htm>
- Kay, T. (2009). *Team Family: The crucial link in the youth sport system*. Consultado a 15 de Outubro de 2009, disponível em www.brunel.ac.uk/.../Sport%20Sciences%20Research%20Documents/TessKay.pdf -
- Latiskevits, L. (1991). *Balonmano – Deporte & Entrenamiento*. Editorial Paidotribo. Barcelona

- Lessard-Hébert, M., Goyette, G., & Boutin, G. (2005). *Investigação Qualitativa. Fundamentos e Práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Maia, J. (1993). *Abordagem antropológica da selecção em desporto – estudo multivariado de indicadores bio-sociais da selecção de andebolistas dos dois sexos dos treze aos dezasseis anos de idade*. Tese de Doutoramento. FADEUP – Porto.
- Marques, A. (1991). Da importância das fases iniciais de escolaridade na Detecção e Selecção de Talentos Desportivos em Portugal, in J. Bento e A. Marques (eds), *As Ciências do Desporto e a Prática Desportiva – Desporto de Rendimento, Desporto de Recreação e Tempos Livres* (volume 2), pp. 15-21. FADEUP, Porto.
- Marques, A. (1993). Bases para a Estruturação de um Modelo de Detecção e Selecção de Talentos Desportivos em Portugal. *Revista Espaço*, 1 (1) pp. 21-32.
- Marques, A. (1998). *Crianças e adolescentes: entre a Escola e os Centros de Treino...entre os Centros de Treino e a Escola! Treino de Jovens – Seminário Internacional*. Comunicações. CEFD. Secretaria de Estado do Desporto. Lisboa.
- Moreno, F. (2004). *Balonmano. Detección, selección y rendimiento de talentos*. Madrid. Gymnos.
- Morris, T. (2000). Psychological characteristics and talent identification in soccer. *Journal of Sports Sciences*. 18 (9), 715-726.
- LIDOR, R. et al. (2005). Measurement of talent in team handball: The questionable use of motor and physical tests. *Journal of Strength and Conditioning Research*, Champaign, I.L., v. 19, no. 2, p. 318-325.

- Pais, J. (2003). *Cultura Juvenis*. (2ª Ed.). Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Poirer, J., Clapier-Valladon, S., & Raybout, P. (1999). *Histórias da vida: Teoria e prática*. (2ª Ed.). Oeiras: Celta Editora.
- Povoas, S. (1997). *Avaliação da Resistência Aeróbia em testes de terrenos. Um estudo realizado em andebolistas de diferente rendimento desportivo, nível competitivo e de ambos os sexos*. Monografia realizada no âmbito do seminário da opção de Andebol da licenciatura em educação física. FCDEF-UP. Porto.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. (5ª Ed.) Lisboa: Gradiva.
- Régnier, G; Salmela, J., & Russel, S. (1993). *Talent and development in sport. Handbook of research on sport psychology*. Singer, R; Murphy, M & Tennant, L (eds), 290 – 313.
- Reilly, T. & Williams, M. (2000). *Talent Identification in football: A potencial test battery*. *Insight*, 2 (3), 31-34.
- Sáenz-López, P., Giménez, F. J., Sierra, A., Sánchez, M., Ibáñez, S. J. & Pérez, R. (2004). La formación de los jugadores de alta competición en baloncesto desde la perspectiva de los coordinadores de cantera. *Habilidad motriz. Revista de Ciencias de la Actividad Física y del Deporte*, 23-24, 76-94.
- Sanchez, F. (1991). *Preparación Física. In Balonmano*, Cuesta J.G. (Eds.). Madrid. Federación Española de Balonmano e Comité Olímpico Español.

- Simões, L. (1998). *A selecção em futebol. Um estudo em escalões de formação a partir do entendimento de treinadores e seleccionadores*. Dissertação de Mestrado. FADEUP – Porto.
- Srhoj, V., Marinovic & M., Rogulj, N. (2002). *Position specific morphological characteristics of top-level male handball players*. Coll Antropol.
- Srhoj, Rogulj, Zagorac, & Katic (2006). *A New Model of Selection in Women's Handball*. Coll. Antropol. 30 (2006) 3: 601–605
- "The Danish Way"- *talentudvikling i DHF*. Consultado a 1 de Março de 2009, disponível em <http://www.dhf.dk/composite-3013.htm>.
- Vayens, R.; Lenoir, M.; Williams, A. M., & Philippaerts, R. M. (2008). Talent identification and development programmes in sport: current models and future directions. *British Journal of Sports Medicine*, London, v. 38, no. 9, p. 703-714.
- Vala, J. (1986). *Análise de Conteúdo*. In Silva, A. & Pinto, J. (orgs.), *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento. Pp 101-128.
- Visnapuu, M., & Jurimue T. (2007). Handgrip strength and hand dimensions in young handball and basketball players. *Journal of Strength and Conditioning Research*, 21 (3), 923-929.
- Volossosovitch, A. (2000). *Aspectos metodológicos da selecção de talentos desportivos*. *Treino Desportivo – Edição Especial*, nº3, 2-7.
- Williams, S.; Reilly, T., & Franks, A. (1999). *Identifying talented football players: A scientific perspective*. *Insight*, 1 (3), 20-25.

8. Anexos

Guião da Entrevista

Estou a realizar um trabalho para a faculdade e preciso da sua colaboração. Apenas tem de responder a umas questões sobre o trabalho desenvolvido aqui na Federação de Andebol de Portugal.

O objectivo desta entrevista é conhecer melhor o trabalho desenvolvido na Federação de Andebol de Portugal nas selecções jovens.

Se não se importar, gostava de gravar a nossa conversa, para ser mais rápida.

Bloco 1 - Detecção do Talento:

1. O processo de detecção de talentos é sempre complexo. Como funciona o processo aqui na Federação?
2. Em que idades são detectados os talentos? Há um processo contínuo de procura de talentos até ao escalão sénior ou procura-se numa determinada faixa etária?
3. Os atletas são identificados por elementos federativos ou os clubes/associações também aconselham o acompanhamento de um possível talento?
4. Existem algumas características, sejam elas físicas ou técnicas, que os atletas seleccionados devem possuir?

Bloco 2 - Desenvolvimento do Talento

5. Quais são os principais objectivos técnico-tácticos para a selecção “Detecção de Talentos”?
6. Quais são os principais objectivos técnico-tácticos para a selecção “Júnior D”?

7. Quais são os principais objectivos técnico-tácticos para a selecção “Júnior C”?
8. Quais são os principais objectivos técnico-tácticos para a selecção “Júnior B”?
9. Sabemos que os atletas ao longo do seu percurso nas selecções realizam testes físicos. Quais são os testes realizados na federação?
10. Quais são os objectivos físicos dos atletas das federações? Há algum valor de referência como meta a alcançar para cada escalão (ex: VO2 Max, % massa gorda, ...)?
11. Considera o tempo disponível para os estágios das selecções como suficiente ou preferia ter mais tempo para trabalhar com os jovens talentos (como exemplo dos pólos Franceses)?
12. A federação consegue controlar a metodologia e a carga de treino nos seus estágios, mas no entanto isto torna-se mais difícil quando os atletas estão nos clubes. O trabalho realizado nos clubes é visto como aceitável ou ainda falta algo para que seja considerado satisfatório?

Transcrição da entrevista

1; 2 e 3. Funciona da seguinte forma: observamos os jogadores nos seus respectivos clubes através dos jogos e utilizamos o primeiro filtro que são as selecções regionais. Aproveitamos as boas relações que temos com as associações regionais e damos-lhes indicações sobre o tipo de jogadores a detectar para as selecções nacionais. Assim o primeiro filtro é efectuado para as selecções nacionais de atletas nascidos em 1996/97. Tentamos manter o contacto com os treinadores (como na concentração anula em Santa Maria da Feira) e passar a mensagem que se existir algum atleta que a Federação deva observar pois então deve comunica-lo.

Mais, todo o corpo técnico da Federação tem que observar jogos e avisar a Federação quando o efectua, independentemente da categoria. Observamos também muitos jogadores nas selecções regionais através das competições entre estas. Infelizmente existem associações regionais que não têm selecções regionais. Este é um problema para detectar jogadores nestas zonas. Neste sentido é importante o contacto com os treinadores de formação destas zonas pois são estes que vão detectar os possíveis talentos. Em Lisboa, Porto, Braga, Aveiro ou Leiria não há problema pois há muitos atletas e as associações conseguem criar selecções.

4. No momento temos tido bastante liberdade pois há uns anos atrás houve uma grande preocupação com os índices físicos. Só se procurava atletas baseados em características físicas e no final pouco foram os resultados. Agora, embora continuemos à procura de factores físicos nos atletas queremos também relevar os factores técnicos e táticos individuais.

Quanto aos jogadores canhotos, procuramos mas sem a obrigatoriedade de que temos que ter x números de atletas com esta característica. Até porque no Andebol de hoje podes observar selecções máximas absolutas que são campeãs mundiais, olímpicas e europeias que jogam sem canhotos no posto de lateral direito. Pontas direitas têm sempre que ser canhotos. Temos problemas em encontrar laterais direitos canhotos. Se os procuramos? Sim,

mas não há nenhuma obsessão, jogamos com outros jogadores naquela posição.

Assim, procuramos jogadores evoluídos tecnicamente, que tenham uma boa relação com a bola. Jogadores individualmente evoluídos do ponto de vista tático. Não são os atletas que fazem bem as jogadas nos clubes mas aqueles que conseguem resolver uma situação tática de 2x2 ou 3x3 seja ela no ataque ou na defesa. Também procuramos ir evoluindo os grupos das selecções no poderio físico. Não podemos permitir que a média de alturas das selecções vá baixando, temos que procurar subir nesta característica.

Não podemos ter uma selecção constituída por atletas baixos. Na formação ainda dá para disfarçar porque ainda vais tendo resultados mas quando chegas a sénior já não ganhas. No entanto podes sempre ter 1 ou e jogadores mais baixos com elevada qualidade técnica que te permitem aumentarem a intensidade do jogo. Como exemplo tens o Fábio Magalhães, que tem 15 anos e 1,98m e está integrado no trabalho federativo. Neste momento ainda não é um atleta para a selecção mas sentimos que no futuro poderá vir a ser. Não há um critério definido para alturas mínimas para os diferentes escalões. No entanto, na detecção de talentos, tentamos que no grupo de atletas seleccionados haja um *pivot* e 1/2 primeiras linha com altura mínima.

5. No escalão “Detecção de Talentos” estamos a trabalhar com 2 grupos: nascidos em 94/95 e 96/97. Temos trabalhado principalmente aspectos individuais. Conforme podes ver aqui neste quadro cerca de 60% do trabalho é dedicado a aspectos técnico-táticos individuais. Apenas 5% é dedicado em trabalho físico. 25% é desenvolvido trabalho físico adaptado que é treino em pavilhão. 10% desenvolve-se tática individual pois é muito importante que os jovens percebam que o Andebol é um jogo de equipa e que quando chegaram acima têm que saber jogar com os seus colegas de equipa.

6. Na selecção Juniores D, o desenvolvimento é em tudo idêntico à selecção anterior apenas cm a excepção do trabalho físico que aumenta para 15% enquanto o trabalho físico adaptado reduz para 15%.

7. Na selecção de Juniores C reduz-se o trabalho técnico-táctico individual para 45%, aumentando o trabalho físico para 25% e a táctica colectiva para 15%.

8. Na Selecção de Juniores B retira-se tempo de trabalho técnico-táctico individual (25%) e aumenta-se a táctica colectiva para 35%.

9. Os testes que nós fazemos são: impulsão vertical a duas pernas sobre o tapete (quem cede o material é o Prof. Soares da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto. Todo o protocolo dos exames é cedido pela faculdade), impulsão vertical só com um apoio; teste de velocidade a 5m, teste de velocidade de 20m; temos um teste chamado agilidade frontal onde são colocados 5 pinos e os atletas têm que se deslocar realizando deslocamentos frontais ou à retaguarda; também realizamos o mesmo teste com deslocamentos laterais; realizamos também o teste de *Yo-Yo*; realizamos também testes antropométricos como o peso e altura. Tentamos sempre que a média de alturas não diminua ao longo das avaliações.

10. Não, não existe. Estivemos a discutir esse aspecto este verão para ver se iríamos colocar valores mínimos. No final decidimos que não. Porquê? Se colocas valores mínimos, e conhecendo um pouco a cultura portuguesa, quando chegas ao mínimo paras. Falamos com os treinadores e com os jogadores e explicamos que para estar na selecção tem que estar bem fisicamente. No entanto não dizemos que um atleta para estar na selecção tem que realizar 20 percursos de *Yo-Yo*, porque se não corremos o risco de estes nos dizerem que já fazem os 20 percursos e já não é necessário mais. E isto, nós não queremos; o que queremos é que aconteça como ocorreu com um atleta que num ano passou de 9 para 49 percursos só porque ele quis. Se tivéssemos o limite mínimo de 20 percursos provavelmente este atleta não chegaria aos 49. São estas ideias que pretendemos transmitir. Mais do que dar um valor mínimo é pedir o máximo esforço, o máximo empenho aos nossos atletas para que estes possam ser melhores.

11. Estou muito contente com o tempo disponível para estágios nas selecções. Por exemplo na detecção de talentos, temos 14 dias onde estamos concentrados e para além disso ainda temos as selecções regionais, e isto não está nada mal. Acho que não há nenhuma federação que consiga ter 36 dias, para nascidos em 94/95, para estágios e neste aspecto estou muito contente. Não estou contente com um aspecto mas isto é um problema político, um problema do desporto português. Enquanto os atletas dos modelos que estás a estudar têm muito mais horas de treino devido à parceria entre a educação e o desporto, onde é permitido conciliar os horários cá os atletas só treinam à tarde e muitas vezes nas poucas condições que os clubes podem oferecer. Em Portugal é impossível trabalhar com um centro de estágio, onde tens que detectar jovens com 13,14 e 15 anos, criar um grupo de 20 e dizer que aquele grupo passados 4 anos vai ser o conjunto de atletas mais talentoso em Portugal...é impossível! Podes acertar em 1/2 atletas, mas nos outros 18 não acertas. Em França eles têm 24 pólos o que equivale a cerca de 500 atletas por geração. E dos 500 nem todos vão ser talentosos.

12. Os clubes têm as suas limitações. Estes trabalham bem com os recursos que têm. Há clubes que não têm horários suficientes para porem a treinar devidamente as suas equipas; outros não têm espaço e muitas vezes têm que partilhar o mesmo treinando em meio campo. Este aspecto prejudica porque inibe os treinadores e atletas de desenvolverem algumas fases do jogo como por exemplo as transições, uma vez que só dispõem de uma baliza.